



revistafidelidade@terra.com.br • ano V • novembro/dezembro/2006 • nº 50/51 • R\$5,00

Revista

Fidelidade **ESPÍRITA**

Gêmeos Siamêses



A
Revista que
se **Responsabiliza**
Doutrinariamente
pelos Textos Publicados

SUMÁRIO

4 REFLEXÃO

LUTAS CONTRA AS RESTRIÇÕES
Fechamento da FEB

7 MEDIUNIDADE

ROMANCES MEDIÚNICOS - PARTE II
Esclarecimentos quanto à qualidade dos textos mediúnicos

14 CAPA

GÊMEOS SIAMÊSES

Expição de faltas passadas e adiantamento espiritual

18 CIÊNCIA

CIÊNCIA ESPÍRITA - REFLEXÕES FILOSÓFICAS

Religião, milagres, profecias, prodígios e dogmas irracionais

22 ESTUDO

UM OLHAR SOBRE A MEDIUNIDADE

Entrevista com o médium Divaldo Pereira Franco

27 COM TODAS AS LETRAS

A CRASE TEM CASOS ESPECIAIS

Importantes dicas da nossa língua portuguesa

FALE CONOSCO ON-LINE

CADASTRE-SE NO **MSN**
E ADICIONE O NOSSO ENDEREÇO:

atendimento revista fidelidade@hotmail.com



Edição

Centro de Estudos Espíritas
"Nosso Lar" – Depto. Editorial

Equipe Editorial

Adriana Levantesi
Leandro Camargo
Rodrigo Lobo
Sandro Cosso
Thais Cândida
Zilda Nascimento

Jornalista Responsável

Renata Levantesi (Mtb 28.765)

Projeto Gráfico

Fernanda Berquó Spina

Revisão

Equipe FidelidadEspírita

Administração e Comércio

Elizabeth Cristina S. Silva

Apoio Cultural

Braga Produtos Adesivos

Impressão

Citygráfica

O Centro de Estudos Espíritas
"Nosso Lar" responsabiliza-se
doutrinariamente pelos artigos
publicados nesta revista.



Um lago agitado internamente acabará distorcendo as margens refletidas em seu espelho d'água.

O exemplo, embora pobre, ilustra a importância da disciplina emocional para o intercâmbio mediúnico.

Ansiedade é ruído interior, interferindo na comunicação com o Além.

Impaciência é agitação na alma, perturbando o campo psíquico.

A mente inquieta bloqueia os canais mediúnicos, impedindo a expansão da consciência para além dos sentidos sensoriais.

Por essa razão, Allan Kardec recomenda calma e recolhimento, sustentados numa vontade séria, a fim de que o intercâmbio ocorra em condições favoráveis.

A pressa é ponte para a frustração, tanto quanto a precipitação responde, muitas vezes, pelos desvirtuamentos.

Olha para ti mesmo, examinando o cenário que te caracteriza o interior.

Estuda e estuda-te.

Constatarás que a tua personalidade resulta de experiências muito particulares no ciclo constante de amadurecimento espiritual, o que faz de ti um ser único, portador de ritmo próprio no campo mental e emocional.

Por essa razão, evita comparações de qualquer tipo, respeitando os próprios limites, certo de que cada pessoa atende aos propósitos da vida segundo o momento evolutivo em que se encontra.

Aprende a fazer silêncio interior, para que a sintonia mediúnica se consolide de forma natural, espontânea e segura. Assim, "ouvirás" melhor os espíritos que buscam sintonizar contigo para as tarefas edificantes.

Não confundas, porém, serenidade com inércia. A prática mediúnica direcionada para os objetivos elevados requer esforço e dedicação, impondo ao trabalhador não apenas uma atitude calma, mas também uma calma ativa, capaz de conjugar equilíbrio e trabalho em favor do bem integral.

Augusto

LEVY, Clayton. *Mediunidade e Autoconhecimento*. CEAK. 2003

FALE CONOSCO

revistafidelidade@terra.com.br

(19) 3233-5596

Assinaturas

Assinatura anual: R\$45,00
(Exterior: US\$50,00)

Centro de Estudos Espíritas "Nosso Lar"

Rua Luís Silvério, 120 – Vila Marieta 13042-010 Campinas/SP
CNPJ: 01.990.042/0001-80 Inscr. Estadual: 244.933.991.112

Lutas contra as Restrições

- Fechamento da FEB

por Suely Caldas Schubert



“(...) Muito grato pela remessa de “O Psicógrafo” e “Materialização” com as instruções. Ótima lembrança! Ao recebê-la, recordei o nosso Dr. Guillon, em 1942, quando se organizou o “Reportagens de Além – Túmulo”. Ele e eu, embora distantes um do outro, combinamos o esforço para o mesmo fim. (...) Meus parabéns pelo trabalho que foi efetuado, junto à Chefatura de Polícia. Hoje, os jornais, aqui em Minas, já noticiam a decisão administrativa de fazer cessar as restrições contra as nossas atividades religiosas.

A notícia me alegrou muito e felicito-te pela medida. (...) Admiro-te a fibra de trabalhador incansável e peço a Jesus te fortaleça na Obra de Ismael, na restauração do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo. (...)”

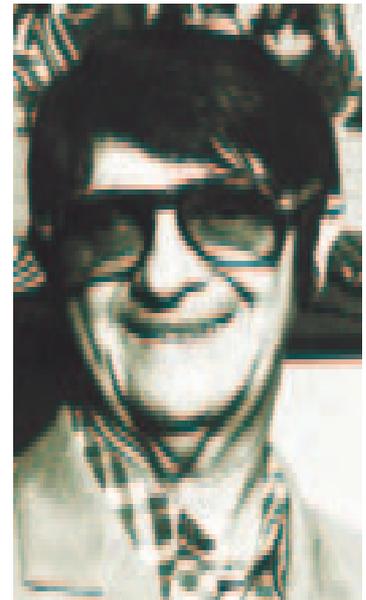
Guillon Ribeiro e Wantuil de Freitas, convocados ambos a tarefas pioneiras e de grandes responsabilidades, na implantação da Doutrina Espírita em nosso País, tiveram – como não podia deixar de ser – vínculos muito profundos no desempenho da missão que lhes fora con-

fiada. Ambos subiram à Presidência da Federação Espírita Brasileira e durante o período em que exerceram o labor administrativo enfrentaram graves dificuldades, talvez as mais difíceis e cruciais vividas pelo Espiritismo no Brasil. Ambos souberam agir com fidelidade aos compromissos assumidos, procurando vivenciar, em cada instante de testemunho, o Evangelho do Cristo que tão bem traziam no coração.

Foi na presidência de Guillon Ribeiro que Chico Xavier iniciou publicamente a sua atividade missionária, com a publicação, pela FEB, do seu primeiro livro psicografado, “Parnaso de Além-Túmulo”, em 1932.

É bastante óbvia a posição de Guillon Ribeiro à frente da Casa de Ismael, no momento em que Chico Xavier vai iniciar, na vida pública, a sua singularíssima missão. Praticamente, todos os que estavam vinculados a Chico Xavier estão, àquela altura, em suas posições estratégicas, determinadas numa programação traçada na Espiritualidade Maior, e dando cumprimento aos compromissos assumidos.

Com a desencarnação Dr.



Guillon Ribeiro (em 26-10-1943), Wantuil de Freitas, que era Gerente de “Reformador”, é escolhido para assumir a Presidência da Federação Espírita Brasileira, conforme já nos referimos na primeira carta deste livro.

No trecho da carta acima, Chico refere-se a Guillon Ribeiro e demonstra, pelas suas palavras, o quanto havia também de afinidade entre ambos. Diz Chico a Wantuil: “Ao recebê-la, recordei o nosso Dr. Guillon, em 1942, quando se organizou o “Reportagens de Além- ▶

Túmulo”. Ele e eu, embora distantes um do outro, combinamos o esforço para o mesmo fim.” Como se observa, os dois, sintonizados com o trabalho do Alto, embora estivessem separados no espaço, vibravam uníssonos, conjugando esforços para um objetivo comum.

No trecho seguinte, assinalamos uma das mais significativas passagens da História do Espiritismo no Brasil. Chico Xavier cumprimenta Wantuil de Freitas: “Meus parabéns pelo trabalho que foi efetuado, junto a Chefatura de Polícia. Hoje, os jornais, aqui em Minas, já noticiam a decisão administrativa de fazer cessar as restrições contra as nossas atividades religiosas. A notícia me alegrou muito e felicito-te pela medida.” Este pequeno texto traz ao nosso conhecimento uma grande vitória conquistada pelo extraordinário trabalho de Wantuil de Freitas. Trabalho este que fora, porém, iniciado pelo Dr. Guillon Ribeiro e ao qual Wantuil deu prosseguimento e levou avante, com seu dinamismo e decisão, até obter o êxito almejado.

Essas restrições, a que Chico se refere, tiveram início na administração do Dr. Luiz Olympio Guillon Ribeiro, mais precisamente no dia 27 de outubro de 1937, quando – pela primeira vez – a Federação Espírita Brasileira teve fechadas as suas portas por quase 72 horas. O segundo fechamento da FEB ocorreu em 10 de Abril de 1941, também ao tempo do Dr. Guillon Ribeiro.

Para melhor entendermos esses acontecimentos, transcrevemos a palavra abalizada do então Presidente da Casa-Máter do Espiritismo, em seu relatório de 15-7-1941.

Estes dados, extraímos-los do substancioso trabalho do confrade Clóvis Ramos, intitulado “Documentos e depoimentos para a História do Espiritismo no Brasil” (2ª parte), publicado em “Reformador”, nº 1.835, de fevereiro de 1982. Eis a narração minuciosa de Guillon Ribeiro:

“Se bem vos acheis a par de todo o ocorrido, não podemos, nem devemos, para conhecimento dos que, de futuro, tratando da marcha do Espiritismo em nosso país, estudem o período que ora transcorre, deixar de dizer alguma coisa acerca do fato singularíssimo do fechamento ▶

... a Federação Espírita Brasileira teve fechadas as suas portas por quase 72 horas



REFLEXÃO

de todas as agremiações espíritas desta Capital, a Federação inclusive, em virtude de uma Portaria do Chefe de Polícia, datada de 9 de Abril do ano corrente e publicada no dia seguinte.

Segundo rezava a ordem de fechamento, cujas determinantes reais ainda desconhecemos e não perquirimos, por nos parecer inútil, quando não ocioso, tinha ela por fim obrigar aquelas agremiações, para poderem funcionar normal e regularmente, a se registrarem no departamento policial, mediante a apre-

mas que nos abstemos de apreciar, uma vez que, seja como for, permittem que a casa de Ismael prossiga sem constrangimento em suas atividades e labores habituais.

Com relação às Sociedades desta Capital que lhe são adesas, a Federação, como não podia deixar de agir de outra maneira, em favor delas, visto que cada uma tinha de satisfazer individualmente às exigências da Portaria, exigências que se estendiam até a identificação pessoal dos respectivos diretores, fez o que

ciais ainda vigoravam constrangendo as instituições espíritas a cumprirem exigências descabidas, em desacordo com a liberdade de culto existente no país. Wantuil lançou-se então, à luta, para que o Espiritismo tivesse igualdade de direitos concedidos às demais religiões.

Extraímos da 3ª parte de “Documentos e depoimentos para a História do Espiritismo”, publicada em “Reformador” nº 1.836, de março de 1982, o trecho do relatório de Wantuil de Freitas, no período de julho de 1944 a junho de 1945:

“Conforme noticiou o nosso órgão, a Diretoria nomeou uma comissão para se entender com o Chefe de Polícia, Sr. Ministro João Alberto, a respeito das celeberrimas Portarias policiais, criadas desde há alguns anos e que impediam os nossos confrades de exercer livremente o direito de liberdade de culto, assegurado pela Constituição do País. Diante da exposição que esses companheiros fizeram àquela autoridade, as Portarias foram revogadas e o Espiritismo teve os seus direitos respeitados quanto à liberdade de se reunirem os espíritas, sem necessidade de se registrarem na Polícia, em perfeita igualdade com os direitos sempre concedidos às demais religiões.”

E como diz Clóvis Ramos em seu comentário: “Uma vitória que ainda nos felicita!” ■

Wantuil lançou-se então, à luta, para que o Espiritismo tivesse igualdade de direitos concedidos às demais religiões

sentação dos documentos que a Portaria indicava.

Obedecendo sem hesitar, como lhe cumpria, de conformidade com o espírito da doutrina cristã, à referida ordem, a Federação cerrou suas portas a 10 daquele mês (...).

Tendo requerido, ainda em cumprimento da Portaria em questão, o seu registro, instruindo o pedido com os documentos que esta última exigia, a Federação, que já no dia 14 obtivera permissão para o funcionamento da sua Secretaria e Tesouraria, da sua Biblioteca e do serviço de pagamento de pensões, foi autorizada, no dia 17, a funcionar livremente, até que o seu requerimento de registro fosse despachado.

Esse despacho saiu publicado faz poucos dias, em termos que não nos surpreenderam menos do que os do próprio ato com que nos ocupamos,

estava no seu alcance, orientando-as sobre a forma de se conduzirem no caso ocorrente, ministrando-lhes todas as instruções e esclarecimentos de que necessitavam e dizendo-lhes de que modo deveriam proceder, uma vez requerido o registro, para desde logo reencetarem seus trabalhos ordinários. Assim se houve na emergência a Federação, consciência de estar cumprindo estrito dever, mas, por isso mesmo, sem estrépito e sem alardear a prestação de serviços excepcionais, ao que, aliás, sempre e sempre se furta, por incompatível semelhante atitude com os postulados básicos da Doutrina dos Espíritos, acorde, natural e logicamente, em todos os pontos, com a Doutrina Cristã.”

Quando Wantuil de Freitas assume a Presidência da Federação Espírita Brasileira, as Portarias poli-

Fonte:

SCHUBERT, Suely Caldas. *Testemunhos de Chico Xavier*. Pág. 54 - 59. Feb

Romances Mediúnicos - Parte II

por Yvonne do Amaral Pereira

Existem ditados mediúnicos, mesmo romances – e poderíamos citá-los – considerados imitações por muitos observadores, **porque não trazem o característico do estilo literário daquele que espiritualmente o concedeu.** No entanto, sabemos que a obra, realmente, é daquele cujo nome figura no volume. O que passa é que transmitir o estilo

integral é uma tortura para certos médiuns, como trabalho exaustivo para o autor, razão por que nem sempre este obrigará seus medianeiros ao penoso labor, visto o intento de uma obra espírita ser a sua finalidade moral-educativa-doutrinária e não propriamente a simples realização literária. De outras vezes, porque o médium não apresenta os re-

curso necessários, dá-se uma como tradução no seu pensamento. Este, o médium, recebe o ditado e transmite-o para o papel empregando sua própria linguagem, o que resulta na desfiguração do estilo literário do escritor comunicante, se se tratar de literato conhecido na Terra. Alguns, devido a tais fatores, adotam pseudônimo, encobrando o próprio ▶



MEDIUNIDADE

nome até mesmo de seu instrumento mediúnico. Todavia, o pensamento foi do escritor e não do médium, e por isso a obra deverá ser considerada mediúnica. Muitas vezes, desde que não se positivou o fenômeno espírita propriamente dito, será

nociva da literatura cultivada no estágio terreno. É o **resgate**, pois, que se verificará. Preferentemente, tais escritores tomarão pseudônimo, encobrendo-se do próprio médium, que poderá não guardar o devido segredo, entusiasmando-se com o

visões tidas durante os chamados transes “oníricos”¹ e os desdobramentos em corpo astral.

Do que particularmente nos diz respeito, lembraremos que o livro “A Tragédia de Santa Maria”, por nós escrito sob a direção da entidade espiritual Adolfo Bezerra de Menezes – trabalho em que tivemos a maior facilidade de recepção, dentre os que nos têm cabido transmitir – ofereceu-nos todas as modalidades possíveis em um ditado mediúnico: visão antes e no momento da recepção, audição, psicografia isolada (desacompanhada de visão e audição), psicografia acompanhada de outros fenômenos e intuição acompanhada de visão. Consideramos essa época de nossa existência (quatro meses), das mais felizes, entre as poucas horas ditosas que fruímos nesse mundo, dada a suavidade, o enternecimento das faixas vibratórias que nos envolveram durante o período consumido no ditado do trabalho. Que de visões outras, então, obtivemos da vida espiritual! Que surpresas cativantes! E como convivemos com os seres invisíveis, mostrados à nossa respeitosa contemplação naquelas noites magníficas, quando, abstraída da vida terrena, aliviado o nosso coração de sofrimentos e humilhações oriundos da vida social terrena, a assistência de Bezerra de Menezes se tornava positiva e integral, para que o seu feito romântico se realizasse sem que nenhum esgotamento físico, nenhuma fadiga mental nos abatesse a saúde! Esse venerável espírito é seguido, por assim dizer, por grande número de entidades ain-

Alguns escritores desencarnados não fazem questão de que o seu antigo vigor literário se reproduza integralmente

mais conveniente que tais trabalhos apareçam a público sob o nome do próprio médium, visto que, destituídos do estilo do escritor conhecido, a que se atribua o trabalho, será difícil provar que, efetivamente, houve o fenômeno mediúnico, muito embora se tenha dado, e assim se contornarão controvérsias e polêmicas muito prejudiciais à Doutrina. Tal sutileza da faculdade mediúnica opera-se, comumente, entre alguns escritores e será, então, o a que chamaremos **inspiração**, não obstante conheçamos tais casos no setor psicográfico, também.

Alguns escritores desencarnados, como Camilo Castelo Branco, que foi um estilista inconfundível, um purista do idioma português, não fazem, em absoluto, questão de que o seu antigo vigor literário se reproduza, integralmente, através de um cérebro mediúnico. O que querem é se desincumbir de tarefas que lhes desanuviem a consciência das sombras dos deslizes passados, reabilitando-se, pela literatura Além-Túmulo, da antiga feição ociosa ou

próprio feito de que foi instrumento. Outros, como Léon Denis, preferirão não ditar obras mediúnicas a vê-las desfiguradas no seu estilo pessoal. O que querem é a prova insofismável do fenômeno espírita. Continuam, no Além, as pesquisas e experiências encetadas na Terra.

Um mesmo espírito poderá ditar uma obra **dando a ver ao médium as cenas antes ou no momento do ditado**, e poderá ditar outra, ainda pelo mesmo médium, valendo-se tão-somente da psicografia, sem que o intermediário veja coisa alguma, ou, pelo menos, sem que este se recorde do que viu, pois pode dar-se o fato de ele ter presenciado o drama, posteriormente psicografado, durante um desdobramento, e de nada se recordar em vigília. De outro modo, o fato de **recordar** será uma disposição particular do aparelho mediúnico. Vimos que João Evangelista, ao despertar do transe em que obteve o Apocalipse, recordou tudo o que vira e ouvira. Os profetas antigos, do mesmo modo, se recordaram das

¹ Mediunidade pelo sonho. Revelações através do sonho. A Bíblia está repleta de informações a respeito.



Dr. Bezerra de Menezes

da vacilantes, porém, submissas, cuja readaptação ao estado espiritual é operada sob sua desvelada direção. Vimos e falamos a varias delas, enquanto trabalhávamos naquela obra.

Entrementes, as visões do drama que então nos eram fornecidas decorriam em ambiência branca, lucilante, mesclada de tons dourados, como se raios de sol puríssimos iluminassem a transparência branca, efeito, ao que julgamos, inédito sobre a Terra, a nós outra impossível de descrever, e como se todas as cenas e panoramas fossem desenhos delicadíssimos, a se movimentarem em cenários celestes. No entanto, em “Uma história triste”, que integra o volume “Nas Telas do Infinito”, o drama se desenrolou em suave ambiente azul, levemente esbatido de nuances brancas lucilantes, quais neblinas tenuíssimas, enquanto que em “Leonel e os Judeus”, obra ainda inédita,

médium consegue transcrever na íntegra o que avista no Espaço, concedido por seus mestres instrutores. Parece, mesmo, que cenas belíssimas, admiráveis pela perfeição, deixam de ser psicografadas no decurso da obra, porque assim o determinaria o próprio autor, visto que a escrita não reproduzia fielmente o encantamento que a visão espiritual alcançou. Na obra “Nas Vorações do Pecado”, por exemplo, a entidade “Charles”, Espírito que sabemos ser o de um completo artista, e que no-la havia mostrado magistralmente, durante um arrebatamento do nosso espírito, por ele mesmo provocado, deixou de escrever uma cena das mais belas, que nos forado a apreciar na ocasião precisa:

- A personagem “Otília de Louvigny” ao ter conhecimento do massacre da família de La-Chapelle, durante a chamada “Matança de São Bartolomeu”, no qual sucumbira

Não obstante, nem sempre o médium consegue transcrever na íntegra o que avista no Espaço

ta, do mesmo autor, a história se desenrola sob colorações fortes, mas com algumas cenas muito sombrias, tais como salas de suplícios da Inquisição, em Portugal, e outras muito nítidas, como o rumor das águas de um repuxo de jardim, ao se despenhar no tanque, o brilho de candelabros de prata sob a luz das velas e o som da cítara com que uma personagem se acompanhava, entoando salmos de David.

Não obstante, nem sempre o

seu noivo, Carlos Felipe, tem acessos de loucura verdadeiramente patéticos, emocionantes. Em desespero, sai em correria pelo parque do seu castelo e pelos campos adjacentes, ou sobe aos terraços e torres da mesma vetusta habitação, bradando, em lágrimas, pelo nome do noivo, entre mil queixas pungentes e revoltas blasfemas. O jogo de luzes que envolviam essas cenas, as nuances do luar e do crepúsculo da tarde, os claros e sombras que tudo adornavam e

MEDIUNIDADE

embelezavam, entre azuis e rosa, que se mesclavam ao infinito, a suavidade da coloração, as harmonias dos sons, que repetiam seus lamentos em ecos impressionantes, pela vastidão local, e onde até o canto das cotovias se deixava ouvir, eram de uma perfeição e beleza tais que acreditamos nem mesmo o cinematógrafo, que muito se assemelha a essas citações do Invisível, conseguiria reproduzir na íntegra.

No entanto, tal cena, das mais patéticas e belas de toda a obra, não foi dada à psicografia, quando o autor da mesma voltou para escrevê-la. Em vão esperamos a sua transcrição. O impulso vibratório da psicografia não a delineou! Aliás, nem sempre se poderão aproveitar todos os detalhes e nuances dos dramas assim relatados ao médium, no Invisível, porque a obra se alongaria demasiadamente, o que seria contraproducente. É fácil, porém, compreender que a dita cena, destituída de qualquer valor moral ou doutrinário, embora artisticamente perfeita, fora suprimida para que a parte doutrinária não ficasse sacrificada pela extensão da obra, pois sabemos que o móvel dos romances espíritas é a propaganda da Doutrina por meio suave e convidativo, tributando os Instrutores Espirituais grande apreço a essas obras, por julgá-las imensamente úteis em virtude dos exemplos vivos oferecidos aos leitores.

Conquanto os Espíritos-Guias dêem preferência à parte doutrinária, à moral elevada que vemos presidindo a tudo quanto a Revelação Espírita tem concedido generosamente aos homens, também observamos que jamais se descuram eles de embelezá-las com os traços vigorosos de uma Arte pura, elevada e,

por assim dizer, celeste. Jamais, porém, presenciamos tantas e tão grandiosas expressões de Arte e Beleza, superiores a tudo quanto nossa mente fosse capaz de conceber, como no ano de 1931, ao nos ser revelada, durante um longo desdobramento, a história de “Amor e Ódio”, já publicada pela FEB, desdobramento que nos levou a visitar a cidade de Florença, na Itália, examinar suas obras de arte, visitar seus palácios e admirar o jogo das luzes irisadas através dos vitrais, contemplando-a, tal como era há dois séculos! E assim, nesse exame, que muito naturalmente era realizado, distinguíamos até mesmo os brocados e cortinados dos grandes leitos senhoriais, as pinturas decorativas das paredes, o brilho do verniz dos móveis, os raios de sol coados através dos vitrais multicores, tocando tudo de uma forte sugestão.

Na noite de 30 de junho de 1931, o Espírito co-autor da dita obra, isto é, “Charles”, arrebatou-nos em espírito, levando-nos consigo para uma região que supomos dedicada à Arte, no Mundo Invisível. Concluímos que as regiões espirituais mais achegadas à Terra sejam azuis, com nuances brancas raiadas, pois são as cores que mais freqüentemente divisamos nos ambientes invisíveis felizes que temos visitado. Acreditamos mesmo, tratar-se de um estado, de uma modificação do fluido invisível, trabalhado pela vontade dos obreiros espirituais, e que a própria Terra nele se encontra mergulhada. O certo é que, arrebatada pela entidade protetora, bem cedo nos reconhecemos pairando em local florido, espécie de parque ou jardim, artisticamente deli-



neado, verdadeiro cenário celeste, onde nenhum traço de beleza faltava, percebendo-se até mesmo a melodia de pássaros e mil cativantes perfumes de flores. Todo o conjunto se esbatia de um como luar azul matizado, lembrando os coloridos de Rembrandt, isto é, partindo de tons mais fortes, como sombreados, para decrescerem de coloração gradativamente, até o branco cintilante, pois essas nuances são luminosas, como neblinas que se iluminassem por lampadários inteligentes, caprichosos.

Nessa encantadora estância encontravam-se Victor Hugo e Frederico Chopin². Vendo-os, nenhuma surpresa nos assaltou, pois

mais artisticamente dotada que seja, visto que o Belo, no Invisível, é apanágio do virtuoso, do moralizado, do coração humanitário e fraterno, já identificado com as vibrações inerentes ao verdadeiro bem.

A pura intelectualidade, desacompanhada de princípios excelentes, que somente as qualidades do coração produzem, assim como a Arte, por si só, com o seqüito da vaidade, do orgulho, da falta de boa moral, não permitem a ascensão do seu cultor aos planos rutilantes do Belo, existentes no Além... o que equivale a asseverar que nenhuma conquista feliz, no Além-Túmulo, será possível sem a renovação do Espírito, ou seja, a sua reeducação moral.

Arrebatada pela entidade protetora, bem cedo nos reconhecemos pairando em local florido

não temos memórias de quaisquer surpresas que nos assaltassem durante tais escapadas espirituais. Presente estava igualmente a entidade “Gaston”, que figura na obra como a sua personagem central. Acreditamos que, nos ambientes esclarecidos do Espaço, quando um dos seus habitantes, ou componentes, se prepara para a reencarnação, os que ficam lhe oferecem festividades de despedida, homenagens que dão em resultado essas solenidades espirituais, onde o Belo atinge proporções inconcebíveis à mente humana, por

Percebemos que Victor Hugo presidiria à tarefa de Gaston, auxiliando-o nas narrativas com o poder do próprio gênio, pois teria sido amigo e protetor deste, quando encarnados ambos, em Paris. Tendo-o livrado mesmo da guilhotina, coadjuvado, nos esforços para patentear a inculpabilidade do mesmo, pelo Professor Denizard Rivail (Allan Kardec), de quem o jovem teria sido discípulo.

No entanto, era Charles quem nos esclarecia, e aqui tentaremos reproduzir suas palavras de então, atra-

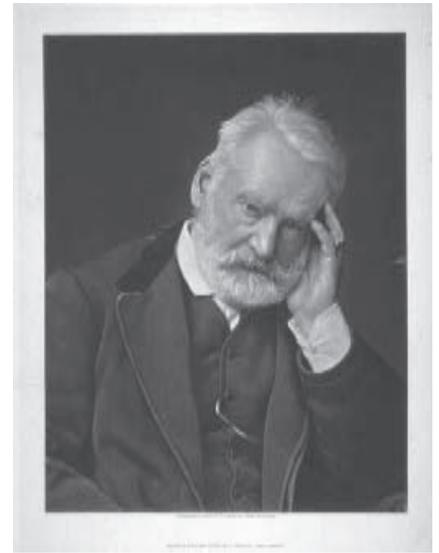
² É possível que nosso espírito não atingisse realmente a dita região, e sim tudo contemplasse através de quadros a distância. Tão sugestivos e intensos esses quadros (espécie da nossa televisão, muito aperfeiçoada), que o médium mantém a impressão de que realmente está presente em tudo o que vê.

MEDIUNIDADE

vés das recordações que nos ficaram e das intuições que nos afloram à mente, sob as irradiações do mesmo dedicado amigo, sob cuja vigilância estas páginas são escritas.

- “Trata-se da solenidade de despedida de Gaston de... (jamais nos pudemos apossar do verdadeiro nome dessa entidade, que no volume “Amor e Ódio” vemos alterado), antigo amigo nosso, companheiro de ideais republicanos de Hugo, em

como lição esclarecedora que mostrará, aos jovens descuidados do cumprimento do dever, até onde poderão levar as inconseqüências de uma juventude leviana e desregrada... Seus mentores espirituais aprovaram a pretensão, visto que o intento seria de utilidade geral... Todavia, Gaston de..., não obstante intelectual primoroso, na Espiritualidade não possui o poder mental nem a ascendência



Victor Hugo (1802 - 1885)

Victor Hugo, de quem ele foi grande admirador e amigo, prontificou-se a auxiliá-lo no tentame

Paris... Sua beleza física foi célebre, pois sua plástica e mesmo a fisionomia apresentavam semelhança mui pronunciada com a estátua de Apolo de Belvedere. Sua vida, no entanto, primou pelos grandes infortúnios, verdadeiras desgraças, que sobre ele se abateram... Despede-se hoje dos amigos da Espiritualidade, porque entrará em preparativos para a reencarnação, o que absorverá suas atenções, e cercará a liberdade de que até agora vem desfrutando entre nós... Ele se sente cansado da Europa... como que aterrorizado dos fêreos costumes, dos preconceitos excessivos, do materialismo desanimador ali existente... e reencarnará, por isso, no Brasil, de cujas plagas se enamorou, para novos ensaios de progresso à sombra generosa do Consolador, que lhe acalentou o coração nos dias do passado...

“Deseja ele narrar a sua história através do feito mediúnico e oferecê-la à mocidade de sua futura Pátria

moral necessários à produção de um fenômeno tão transcendente e complexo, tal o dia da criação, transmissão e conclusões morais-filosóficas adequadas a uma obra educativa em moldes evangélico-espíritas, e por isso não concede diretamente ao médium o que se tornou, de há muito, seu ardente desejo... Victor Hugo, de quem ele foi grande admirador e amigo, prontificou-se a auxiliá-lo no tentame, pois Hugo possui todos os requisitos exigidos na Espiritualidade para a exposição posterior ditado de uma obra dentro desses moldes.

“Frederico Chopin, alma sensível e bondosa, não conheceu pessoalmente Gaston sobre a Terra, não obstante haver sido este, até hoje, um dos melhores intérpretes de sua música; porém, afeiçoou-se a ele no Espaço, visto que Gaston fora admirador sincero do seu gênio. Assim sendo, colabo-

ra aqui, no momento, com a sua arte, para homenagear o amigo que se despede... Quanto a mim, que milito de preferência na Terra, incumbido, mercê de delicados deveres, de procurar um cérebro mediúnico-espírita para as necessárias experiências – pois a presente reunião é composta de entidades convictamente espíritas -, arrastei-me até aqui, visto ser esse o meu dever, como teu assistente espiritual que sou... Entretanto, para o ditado que se verificará, neste momento, **precisar**á o médium ter conhecido a França e lá vivido pela época, a que o assunto se reporta... Precisará, igualmente, ter vivido na Itália, particularmente em Florença por ocasião de um episódio ali desenrolado, assim como **precisar**á ter conhecido a aristocracia, de uma forma ou de outra, através das reencarnações, pois que, a não ser assim, dificilmente encontraríamos em seus arquivos mentais, ou

subconsciência, elementos para positivarmos o que irá ser narrado. Falo-te particularizando uma obra a ser modelada.

No entanto, os informes que te forneço são a regra geral para os demais labores dessa espécie. Além disso, a parte doutrinária evangélico-espírita, sendo o móvel de uma obra literária mediúnica deverá ser assaz cuidada, e ao médium será, pois, indispensável possuir conhecimentos de tais matérias, a fim de tornar possível acionarmos sua mente à nossa vontade, através do mecanismo das vibrações, das sugestões, de uma qualquer obra mediúnica, é o trabalho fatigante e penoso para os doadores do Além... razão pela qual insistiremos em aconselhar aos médiuns, em geral, incansáveis esforços em prol da aquisição dos conhecimentos da causa em qual laboram, caso se interessem realmente pelos ideais em apreço.”

Entrementes, eis que uma tonalidade vigorosa de voz, ou seja, a vibração do pensamento genial de Victor Hugo, repercutiu poderosamente em nossas potências espirituais, dando a entender, exatamente, a frase inicial do primeiro capítulo do drama que seria publicado sob o nome de “Amor e Ódio”. Uma vertigem intraduzível se apossou do nosso espírito. Desapareceu de nossa visão todo aquele conjunto belo e feliz, que nos rodeava... Desapareceram Charles, Frederico Chopin, o jovem Gaston e o próprio Victor Hugo... e nos reconhecemos em Paris, na época evocada pela primeira frase do livro, isto é, pelo reinado de Luís Filipe. Desenrolou-se, então, a história sob o irresistível influxo do grande Hugo, que a “narrou”, e cuja “voz” ouvíamos sempre, forte e dominadora, sem todavia vê-lo. Sua palavra, portanto, **tornou-se, vida, cenas, fatos, drama, seqüência admirável de uma realidade incontestável**. Nós nos víamos presente em todas as cenas, qual expectadora muda do imenso drama, sem, contudo, perder nossa atual personalidade. Sentíamos, porém, ecoando em nossas sensibilidades, as emoções e impressões que as personagens deveriam viver, permanecendo as mesmas emoções em nosso ser, incomodando-nos mesmo, afligindo-nos, até que a obra foi escrita e terminada.

...CONTINUA NA PRÓXIMA EDIÇÃO

Fonte:

PEREIRA, Yvonne A. *Devassando o Invisível*. Págs. 138 a 173. Feb.

é comum o médium se emocionar ante as belezas que à sua visão se rasgam em cenas indescritíveis



Claude Monet, Saint Lazare Station, Paris, 1876-77

Gêmeos Siamêses



Os Espíritos

só chegam à perfeição depois de haverem passado pelas provas da vida corporal. Os que estão na erraticidade esperam que Deus lhes permita voltar a uma existência que deverá proporcionar-lhes os meios de adiantamento, seja pela expiação de suas faltas passadas, mediante as vicissitudes a que estiverem sujeitos, seja pelo cumprimento de uma missão útil à Humanidade. Seu progresso e sua felicidade futura serão proporcionais ao emprego que derem ao tempo de sua nova passagem pela Terra. O encargo de lhes guiar os primeiros passos, dirigindo-os para o bem, é confiado aos pais, que responderão perante Deus pela maneira com que se desincumbirem do seu mandato. É para facilitar-lhes a execução, que Deus fez do amor paternal e do amor filial uma lei da natureza, lei que jamais será violada impunemente”.

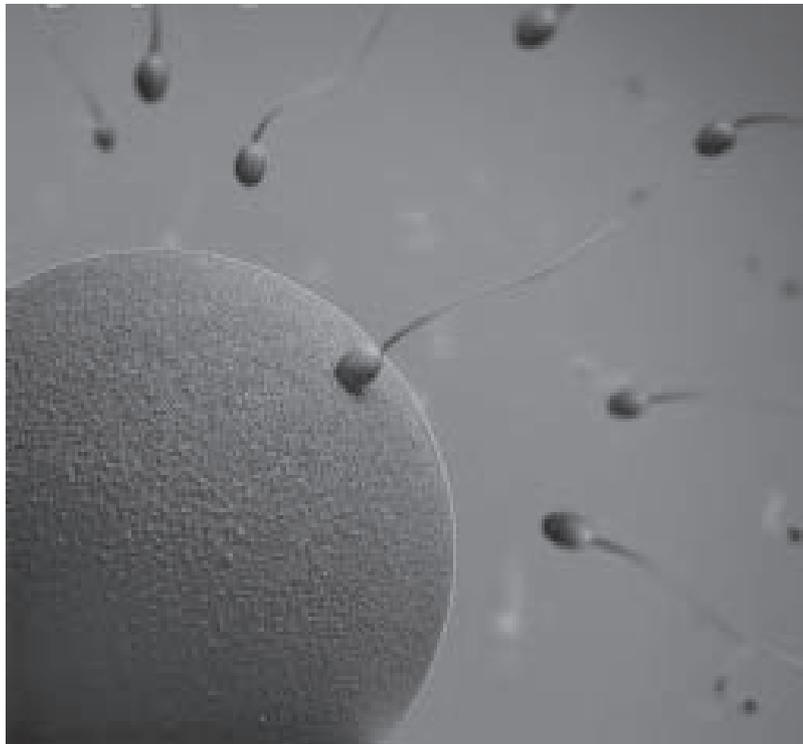
“A união começa na concepção, mas só é completa por ocasião do nascimento. Desde o instante da concepção, o Espírito designado para habitar certo corpo a este se liga por um laço fluídico, que cada vez mais se vai apertando até ao instante em que a criança vê a luz. O grito, que o recém-nascido solta, anuncia que ela se conta no número dos vivos e dos servos de Deus”.

Surpreendentemente é, quando junto ao grito anunciando a vida, há também duas criaturas, não unidas somente pelas almas, mas unidas de corpos e almas; foi o que aconteceu com os irmãos Chang e Eng Bunker, nascidos no Sião (hoje

Tailândia), de onde decorre a denominação genérica “siamêses”.

Os irmãos Bunker, que nasceram unidos pelo apêndice terminal do osso esterno¹ situado no tórax – denominado xifóide, por isso o

A união começa na concepção, mas só se completa por ocasião do nascimento



¹ Osso ímpar, situado na parte anterior do tórax, e com o qual se articulam as clavículas e as cartilagens costais das sete primeiras costelas. ▶

nome xifópagos, ainda jovens, mudam para os Estados Unidos em 1839 e lá se estabelecem na pequena e simples cidade, com ares de interiorana Mounty Airy, na Carolina do Norte, cujo sobrenome adotaram quando se tornaram cidadãos americanos.

Os Garotos Duplos, como eram conhecidos, tinham lá suas façanhas: eram excelentes carpinteiros - fizeram suas próprias cadeiras, eram caçadores e cavaleiros, ginastas, jogavam xadrez, andavam pelas ruas graciosamente ao mesmo tempo; de espírito empreendedor, lotavam teatros, fizeram fortuna. Aos 21 anos de idade passaram eles mesmos a administrar suas carreiras.

Através de suas palestras conheceram médicos, e foram à procura de diversos especialistas em separar gêmeos xifópagos, mas Chang e Eng não tiveram essa opção; todos os di-

tes tiveram 11 pares gêmeos, mas nenhum deles xifópago. Depois de morarem juntos por 14 anos, a convivência entre os casais já não era tão harmoniosa como no início; decidem, então, morar em lares separados. Construíram suas casas e concordaram em passar três dias em uma das casas com uma das famílias e os outros três dias na outra casa, com a outra família. Assim, os laços entre as famílias continuaram estreitos.

Os irmãos podem ter sido incomuns somente pela singularidade genética, mas agiam como pessoas comuns e assim queriam ser considerados, tanto é que gostavam de bons charutos, literatura e roupas da atualidade. Aprenderam a respeitar suas próprias diferenças, uma vez que Eng de personalidade calma, gostava de jogar pôquer, tinha que conviver com o irmão que apreciava a bebida e era temperamental.

Os irmãos podem ter sido incomuns somente pela singularidade genética, mas agiam como pessoas comuns

agnósticos indicavam que a operação seria fatal.

Aos 32 anos de idade decidem construir suas próprias famílias, conhecem e se casam com as irmãs Yates, de família local. Chang casa-se com Adelaide e Eng com Sarah, tornando assim realidade as bodas duplamente duplas. Dessas uniões nascem 21 filhos, e seus descendentes

Aos 63 anos de idade dá-se o falecimento de Chang, por consequências respiratórias, que a caminho de um hospital para as ocorrências médicas, Eng não concorda com a xifopagotomia, cirurgia para separação dos corpos, vindo também a falecer poucas horas depois.

A deficiência não os incomodava, era a opinião de um bisneto de Eng.



À luz da Doutrina Espírita:

“Mesmo que a formação do corpo físico apresente qualquer deficiência ou problema, para o espírito o novo corpo sempre será uma benção divina, porque nele estará tendo a oportunidade de se reajustar ante as leis divinas, ser útil na vida universal e obter o seu próprio progresso intelecto-moral. Na

vida evolutiva, nasceram em corpos fisicamente ligados, devendo assim cumprir seu caminho inseparáveis. Mas ambos, dentro de suas peculiaridades, tiveram a oportunidade de, nessa encarnação, desenvolver suas próprias individualidades, para atingir o progresso nos planos do espírito.

O que importa não é a beleza e perfeição corpórea, mas o que o espírito possa realizar através do novo corpo

encarnação, o que importa não é a beleza e perfeição corpórea, mas o que o espírito possa realizar através do novo corpo”.

Deus sendo justo, bondoso e poderoso, cria todos os seres iguais, e a todos dá as mesmas oportunidades. Cada um, porém, está em determinado grau de evolução, por isso apresenta diferentes possibilidades e enfrenta diferentes situações, todas úteis e necessárias, agora, para o seu desenvolvimento. Dá a cada um segundo as suas obras, mas nunca os condena de modo irremissível. Todos teremos tantas oportunidades quantas forem necessárias para resgatarmos erros e alcançarmos nossa evolução.

Para a evolução espiritual, duas almas encarnaram em dois corpos físicos, que por circunstâncias da

Tendo nos criado para a perfeição e a felicidade, seu desígnio se cumprirá integralmente. Através da evolução e em vidas sucessivas, todos nós nos aperfeiçoaremos e seremos felizes. Louvado seja Deus, nosso Criador e Pai, em sua sabedoria, poder, justiça e bondade! ■

Bibliografia:

National Geographic Brasil outubro/2006.

Ciência Espírita

- reflexões filosóficas

por Nubor Orlando Facure

**Religião – milagres,
profecias, prodígios e
dogmas irracionais.**

Na condenação de Galileu ele foi obrigado a refugiar-se em sua própria casa e renunciar aos princípios científicos que divulgava. A Igreja da época estava dando o recado de que não suportaria a perversão dos fundamentos aristotélicos que ela adotava. O sistema do mundo criado por Deus correspondia ao que Aristóteles e Ptolomeu haviam decifrado. Deus, como Ser supremo e onipotente, criou e pôs o mundo em movimento e, desde então, tudo funciona com perfeição e harmonia, com ou sem a sua presença. Ele estabeleceu a ordem para o Universo e nada pode mudá-la. As estrelas que estão fixadas e imóveis nas abóbadas do firmamento são formadas de uma substância divina diferente da que existe no mundo sublunar. A Terra ocupa o centro do Universo e o Sol, que vai de um extremo a outro do horizonte, serve de lâmpada que ilumina o céu. Tudo que é perfeito e escapa ao entendimento humano é obra de Deus. O círculo é tido como figura perfeita impondo aos planetas uma órbita circular nas

suas trajetórias em volta do Sol. Não há qualquer ligação entre a vida do homem e a dos animais. Eles fazem parte da criação para povoar o mundo. O Homem conhecido na época era o homem branco, criado no paraíso, de onde foi expulso por ceder à tentação do sexo. Condenado a viver na Terra, terá de seguir os mandamentos da Lei de Deus, que só a Igreja é competente para revelar, podendo ser salvo ou condenado a penas eternas conforme sua submissão. Como doutrina que esclarece o início e o fim do Homem, a Religião da época era um sistema acabado, pronto e que não admitiria mudanças desnecessárias. Seu conteúdo era completo e suficiente para consolar e aliviar nossas dores, ensinar a tolerância aos nossos sofrimentos. Justificar a incoerência aparente da Justiça divina e garantir a salvação para os fiéis submissos aos seus sacerdotes. As desigualdades também ocorrem por obra e vontade de Deus e não nos compete desafiá-lo em seus desígnios.

Conseguindo “explicar” os mis-

térios do mundo e da vida, as concepções religiosas desempenhavam um papel superior ao da ciência iniciante da época. A religião fornece segurança, conforta no sofrimento, alivia nossos medos, faz torça com nossos “pecados” e assegura a esperança numa vida futura, onde conseguiremos obter o que a Terra não nos privilegiou.

**Ciência – o estatuto do
conhecimento verdadeiro,
racionalismo,
indeterminação,
pensamento livre para criar
a sua verdade**

Galileu usa o raciocínio matemático para comprovar a tese de Copérnico deslocando o Sol para o centro e colocando a Terra no cortejo dos planetas ao seu redor. Num mundo tido como regular e perfeito ele descobre as irregularidades da superfície lunar onde viu suas crateras. Num sistema imutável ele acrescentou luas a Júpiter que não foram descritas por Aristóteles. ▶

O alicerce da Igreja viu-se abalado por novas descobertas que sucederam rápidas. Ticho Brahe testemunhou por dois meses a passagem de uma estrela nova no firmamento que a Igreja supunha fixo e invariável. Johanes Kepler comprovou matematicamente que as órbitas dos planetas são elípticas e não círculos perfeito como se supunha. René Descartes construiu um sistema filosófico que permitiria separar o corpo da alma, e André Vessálius inaugurou o estudo da anatomia humana num corpo que lhe parecia comportar-se como uma máquina, capaz de mover-se com músculos sem a ajuda do espírito.

Mais tarde, Isaac Newton identificou a “força atrativa” que mantém os astros em suas órbitas, que movimenta as águas dos oceanos no sobe e desce das marés e provoca a queda dos corpos.

Gradativamente as forças imateriais que produziam o movimento e a ordem do Universo foram reconhecidas como forças da gravidade. As leis divinas que mantêm a regularidade dos fenômenos físicos foram substituídas por princípios matemáticos. Os mistérios que sustentam a vida foram compreendidos como combustão do oxigênio, fermentação dos alimentos ou metabolismo celular. Os “espíritos animais” que transitam pelo corpo produzindo seus reflexos e movimentos foram identificados quimi-

camente como neurotransmissores. A regularidade dos acontecimentos foi violada pelo princípio da incerteza. O determinismo linear de uma casualidade circular em que o padrão de resposta determina a intensidade da causa.

O paradoxo “ciência como religião” – dogmas, rituais, hierarquia, o sagrado e o profano

Historicamente a Religião tem base na tradição cultural dos seus seguidores. Seu conteúdo, que orienta o comportamento dos fiéis,

de um grupo de pesquisadores. Seus textos, embora redigidos em linguagem técnica, procuram ser o mais claro possível para compreensão dos interessados. A verdade é procurada exaustivamente pela observação ou pela experimentação. Textos escritos ou opiniões pronunciadas por personalidades hierárquicas destacadas têm importância relativa e, para serem aceitas, precisarão submeter-se à comprovação realizada por experimentadores independentes. O conhecimento científico tem duração relativamente curta, costuma se reunir em conjunto de proposições teóricas que constituem um

...de tempos em tempos, os cientistas envolvem-se na tentativa de propor novos e mais adequados paradigmas

está redigido em textos sagrados que persistem inalterados por séculos. A linguagem aí empregada é quase sempre simbólica permitindo interpretações conflitantes. Daí a importância do sacerdote e do sistema de hierarquia que os classifica. Entre esses sacerdotes são distribuídas as regalias materiais e o poder divino que os pressupõe representantes de Deus na Terra.

Por outro lado, a construção do saber produzido pela ciência é uma conquista do esforço individual ou

paradigma e, de tempos em tempos, os cientistas envolvem-se na tentativa de propor novos e mais adequados paradigmas.

A ciência não deixou de ocupar-se, também, com dilemas que sempre estiveram sob o domínio das religiões. Ela tem, a seu modo, uma proposta para a origem do Universo e da vida na Terra. É apropriado para a Ciência pesquisar o mecanismo que desencadeia os fenômenos, como eles acontecem, mais do que tentam explicar porque eles aconte-



CIÊNCIA

cem. Ela se ocupa minuciosamente com a causa da dor e muito pouco com o porquê do sofrimento humano. A opção da Ciência é esclarecer, mais do que consolar.

Já é aceito por todos que para fazer ciência é preciso adotar o método científico. Classicamente a pesquisa precisa estar enquadrada na liturgia do método. Usa-se a dedu-

já estão de tal forma comprovadas e aceitas que deverão ter a duração eterna das verdades sagradas das religiões: a gravidade existe como força de atração em todo o universo; a energia tem valor inviolável, ela se transforma, mas não se cria nem se perde; o calor tende a se dispersar, assim como toda energia do universo onde a tendência é o caos; a luz é

O texto da doutrina espírita teve início com as revelações transmitidas por Espíritos desencarnados

ção ou a indução, a observação ou a experimentação. Os fenômenos estudados fornecem os elementos que, aplicados a raciocínios matemáticos, fornecem o valor da verdade descoberta.

Algumas proposições científicas

um fenômeno eletromagnético; a matéria visível em todo o universo é da mesma natureza da matéria existente na Terra; as moléculas de toda substância estão em constante movimento; a variedade das espécies se deve à evolução pela seleção natural.

A Ciência Espírita – Fundamentos teóricos, controle experimental, filosofia espiritualista e conteúdo moral

O texto da doutrina espírita teve início com as revelações transmitidas por Espíritos desencarnados de natureza superior, com o propósito de esclarecerem e orientarem a humanidade.

Os objetos de estudo da doutrina espírita incluem o mundo espiritual, os seres que o habitam, suas relações com o mundo material e as conseqüências dessa relação.

Para o Espiritismo, a grandiosidade do Universo e as leis inteligentes que o governam são provas suficientes para comprovar a existência de Deus.

Deus é criador de tudo o que existe e sua criação é incessante. Na situação evolutiva em que se encontra a humanidade, ainda não temos ▶



condições de compreender a origem do Universo e da vida na Terra. O que se tem como certo é que Deus sempre criou e sempre continuará criando.

Existem dois elementos fundamentais no Universo, o espiritual e o material. O elemento espiritual tem início como “princípio inteligente”. Essa “centelha espiritual” transita do mundo espiritual ao mundo material ocupando corpos que lhe permite evoluir na escala da vida inteligente na Terra. O Universo é preenchido por um “fluido” de natureza sutil, com propriedades que ainda escapam ao nosso entendimento. É dele que se origina toda matéria conhecida. As propriedades das substâncias só existem em função desse fluido e pela sua atuação essas propriedades podem sofrer as mais diversas alterações. A acidez ou a alcalinidade é dada pela presença desse fluido e por sua atuação um copo de água pode curar ou produzir malefícios.

Existe um propósito divino na criação. Estamos todos destinados a caminhar pela extensa feira das existências, na terra ou em outros mundos, buscando a condição de espíritos angélicos que um dia atingiremos.

Deus atua através de Leis que a inteligência humana irá gradativamente descobrindo. Estamos todos mergulhados no pensamento de Deus e nada que ocorre no Universo escapa ao seu consentimento. Somos livres para agir e obrigados a arcar com as consequências dos nossos atos. Cada um é responsável pelo seu próprio des-

tino. As Leis morais são pressentidas pela consciência de todos nós e à medida que a humanidade avança na sua evolução o Homem será cada vez mais consciente da aplicação dessas leis.

O mundo espiritual está permanentemente em íntimo contato com o mundo material. Um e outro processam trocas fluídicas entre si e exercem influência recíproca sobre o outro. Essa interferência recíproca é tão intensa que não há como per-

manecer sem sua convivência. Uma multidão de espíritos desencarnados transita com cumplicidade em todos ambientes da Terra. Eles nos acompanham e nós os atraímos compartilhando com eles nossa intimidade. Os pensamentos que freqüentemente temos como sendo nossos são, muitas vezes, os pensamentos deles. Dentro das Leis divinas está estabelecido que atraímos para nossa companhia aqueles com quem sintonizamos nossos propósitos. O bem atrai os bons e o mal conviverá com a ignorância.

Por envolver o mundo espiritual e os Espíritos que aí habitam, não temos controle da comunicação espiritual, e os métodos da ciência humana, seu sistema de controle e experimentação, não se aplicam à ciência do Espírito. Entretanto, alguns homens têm em sua constitui-

ção uma disposição especial que lhes permite entrar em contato lúcido com os espíritos desencarnados. Trata-se do fenômeno da mediunidade que se registra em todos os povos e em todas as épocas da humanidade. A mediunidade é o grande campo de experimentação em que a doutrina espírita se apóia para revelação e comprovação dos seus postulados. A expectativa futura é de que no decorrer dos séculos todos os homens possam estar conscientes do

Deus atua através de Leis que a inteligência humana irá gradativamente descobrindo

seu intercâmbio com o mundo espiritual. Os fenômenos mediúnicos explicam uma série de ocorrências freqüentemente tidas como sobrenaturais ou produzidos por uma energia desconhecida. A transmissão do pensamento, a visão à distância, as premonições, a xenoglossia, a psicografia e a psicofonia são exemplos já bem estudados e esclarecidos pelo espiritismo. ■

Fonte:

Jornal O Imortal. Outubro/2006 . Pág 3 e 13

Um Olhar sobre a Mediunidade segundo o médium Divaldo Pereira Franco

por Elsa Rossi - de Londres



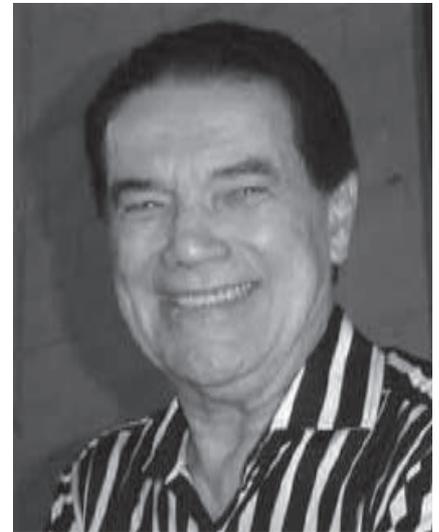
- Divaldo, percebe-se que há um departamento da humanidade para a busca do lado espiritual. A que se atribui isso?

Divaldo P. Franco – A ciência e a tecnologia solucionaram inúmeros problemas do pensamento humano, mas não equacionaram o problema da paz. O homem moderno que penetra nas galáxias e nas micropartículas não logra conscientemente penetrar no âmago dos seus sentimentos. As metas estabelecidas pela cultura hodierna são imediatistas e quando o indivíduo as alcança, elas perdem o sentido. Eis por que o ser que se aventura na jornada reencarnacionista, nos dias de hoje, sente um grande vazio no

tismo em todas as suas denominações na terra dos nossos dias.

- A mediunidade também está presente no espiritualismo em geral? Qual a sua finalidade?

Divaldo – Somente através do fenômeno mediúnicos é que se pode ter a prova científica da imortalidade da alma. As religiões ortodoxas do passado e algumas outras do presente castraram os dons atribuídos pelo apóstolo Paulo às criaturas humanas e também referidos por Jesus, quando ele asseverou que nós poderíamos fazer tudo o que ele fez se tivéssemos fé. Então a mediunidade tem por objeto essencial provar que a morte daqueles que



velações das sibilas, dos hierofantes, por cujos meios eles se comunicavam sempre. Graças a Allan Kardec, esta adquiriu cidadania cultural, tornando-se o instrumento pelo qual a vida que permanece depois do túmulo pode ser pesquisada em laboratório.

- Como se processa o seu desenvolvimento?

Divaldo - Segundo Allan Kardec todos somos portadores de faculdades mediúnicas. Uns são os médiuns ostensivos, aqueles nos quais a mediunidade aparece sem aviso prévio, outros são os médiuns naturais que Charles Richet denominava portadores do chamando sexto sentido. A sua educação como a ►

Na paz do anonimato, realizam-se os mais belos e mais nobres serviços humanos

coração, numa ânsia imensa pela eternidade. Desse modo, de acordo com os níveis de consciência os seres humanos estão buscando respostas espirituais e viajando na direção da imortalidade. Esta é a razão fundamental da grande busca do espiri-

saíram da terra **não encerrou a vida.**

A mediunidade tem por finalidade essencial ensejar os espíritos a sua comunicação demonstrando a sobrevivência da alma após o decesso tumular. Na história ela sempre esteve presente como profecia, nas re-

da inteligência e da memória dá-se através do exercício, do conhecimento das suas funções, das reflexões profundas, da meditação e da prece.

- Há técnicas especiais para se adquirir a mediunidade?

Divaldo – Quando ela não se apresenta espontaneamente, cada um de nós pode exercitar a concentração interior de modo que, aprofundando nosso pensamento no âmago do ser, passamos a captar as vibrações parafísicas e lentamente vamos ampliando o campo das percepções até o fenômeno tornar-se mais ostensivo, mais vigoroso. Através do exercício, portanto, é que educamos a mediunidade, é que lhe ampliamos as possibilidades, é que dispomos de uma técnica particularmente na mediunidade espírita, que nos exige a reforma interior para melhor, a adoção dos postulados de Jesus a fim de melhor sintonizarmos com os espíritos nobres.

- Como saber se uma obsessão é uma mediunidade desorientada?

Divaldo – Na raiz de todo fenômeno obsessivo há um espírito devedor. Para que haja o fenômeno da obsessão é necessário que o indivíduo seja portador de uma faculdade mediúnica, seja ela a intuição aguçada que irá permitir a telepatia do adversário, seja psicofônica através da qual o Espírito, em se imantando ao perispírito do enfermo, transmite-lhe as sensações compatíveis ao seu estado, de mal-estar, de vingança ou de ressarcimento do mal que lhe foi feito. Portanto, daí o dizer que nas mediunidades ator-

mentadas existem invariavelmente obsessões e nas obsessões o fenômeno dá-se o da interferência do espírito adversário, graças à faculdade mediúnica não disciplinada.

- Qual o seu conselho para lidar com a obsessão ou melhor, qual sua orientação para as pessoas que se sentem ligadas a fenômenos de obsessão na família?

Divaldo – Allan Kardec em “O Livro dos Médiuns”, capítulo 23, assevera-nos que a melhor terapia para a libertação da mazela é a prece acompanhada pela paciência, pela

Divina Lei encarregar-se-á de reeducá-lo, não lhe cabendo o trabalho de cobrar dívidas. Compreendendo que ao fazer o mal, o Espírito desiste e ao desistir o paciente recupera a saúde, mas deve retratar-se para que nada de pior lhe aconteça, caso continue na vida descuidada ou na prática de erros e perturbações.

- É possível receber orientação do Espírito-guia para o afastamento dos Espíritos perseguidores?

Divaldo - Sem qualquer dúvida, porquanto os guias espirituais são os mentores das nossas existências,

Para enfrentar os naturais óbices da caminhada, os envolvidos traziam consigo reservas espirituais compatíveis

ação da caridade que proporciona ao indivíduo méritos para ressarcir os males anteriormente praticados. A paciência com a entidade perturbadora para demonstrar-lhe que já não é mesmo indivíduo. No ínterim entre o crime e a desforra houve uma grande transformação moral e naturalmente, se a família se pode reunir para o estudo do evangelho e da oração, isto é de salutar importância. O Espiritismo dispõe de uma outra ferramenta de muita significação, que é o trabalho mediúnico específico, terapêutico, a que nós chamamos de desobsessão, no qual o inimigo se apresenta e recebe orientação compatível para sua felicidade, sendo induzido a deixar aquele que ele considera seu adversário, seguindo adiante porque a

entidades elevadas que nos acompanham desde há muito, encarregadas de trabalharem conosco em favor do nosso progresso. Conhecendo nosso passado como daquele que se apresenta na condição de justiceiro, os seus conselhos são eficientes e devem ser seguidos pois graças a essas palavras e orientação o indivíduo mais rapidamente habilita-se e o adversário mais rapidamente desiste do seu intento.

- Por que eles, os desencarnados, perseguem as pessoas?

Divaldo – Allan Kardec ouviu deles próprios que assim agem por inveja, por despeito, por mágoa, ressentimento, por ódio relacionados a acontecimentos desta como de ▶

existências anteriores. Devemos ter em mente que os Espíritos que conosco se comunicam são as almas daqueles que viveram na Terra e que se transferiram de uma para outra vibração mantendo os mesmos pro-

distúrbio obsessivo com o próprio irmão, passei a viver fenômenos físicos. Logo depois ao adotar o estudo do Espiritismo vieram os fenômenos da psicofonia e psicografia. Mais tarde alguns fenômenos de efei-

Devemos ter em mente que os Espíritos que conosco se comunicam são as almas daqueles que viveram na Terra

pósitos e hábitos. Se foram atrasados permanecem ignorantes, se foram perversos prosseguem cruéis, se foram gentis, bons e nobres continuam elevados. Por isso é que na classificação dos Espíritos temos os inferiores e os superiores. Os inferiores constituem a grande categoria dos infelizes, perturbados, perturbadores, odientos, etc. Desse modo, eles nos perseguem porque não são capazes de olvidar o mal que lhes fizemos, outras vezes porque nos invejam a existência e encontram em nós a ressonância psicológica para que as suas ondas mentais perturbadoras nos alcancem.

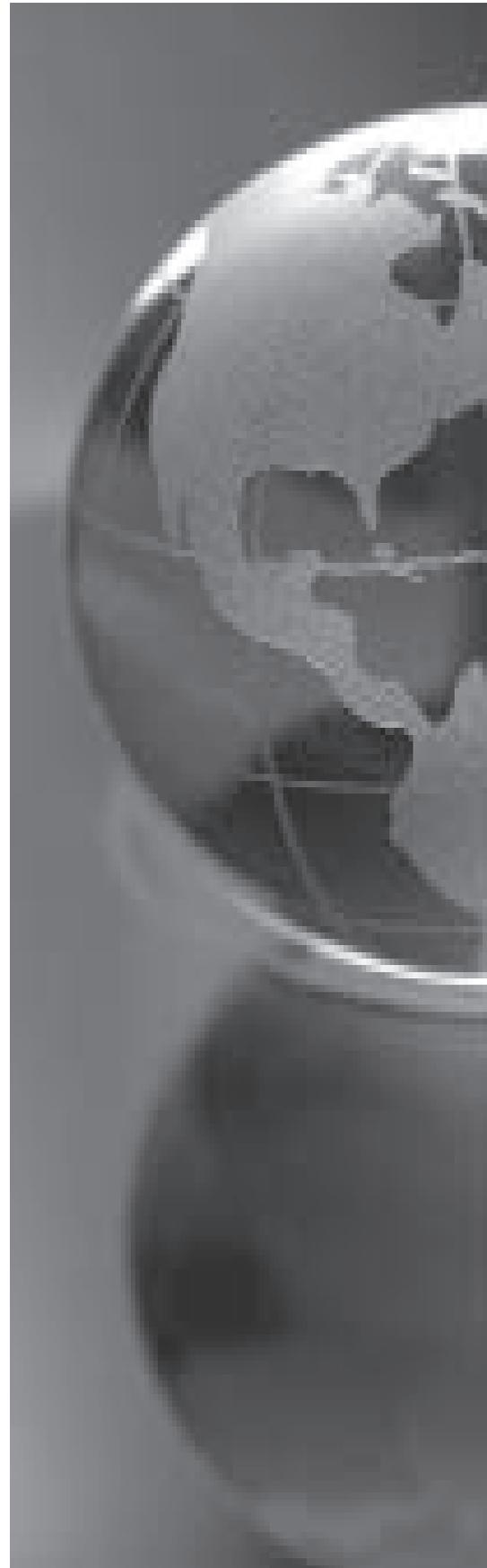
- Divaldo, diga-nos quais são as faculdades mediúnicas e quais você utiliza a serviço do espiritismo?

Divaldo – Todos nós somos portadores de faculdades variáveis. Com o tempo uma e outra predominam por serem mais úteis ao ministério que todos desempenhamos. No meu caso, as primeiras manifestações foram visuais e auditivas na infância. Mais tarde em face de um

distúrbio obsessivo com o próprio irmão, passei a viver fenômenos físicos, biolorização (odor perfumado, agradável ao corpo). Na atualidade, a clarividência, a clariaudiência, incorporação ou psicofonia, a psicografia, são os mais constantes. De fato, uma faculdade completa a outra no exercício da divulgação da Doutrina Espírita.

- Divaldo, você já recebeu mais de 200 livros. Como é o processo de receber tantos livros psicografados?

Divaldo – Considerando o pouco tempo de que disponho desde quando trabalhava, que eram 8 horas diárias, e após a aposentadoria a ampliação das viagens, porque viajo desde 1947, foi necessário criar uma disciplina muito rígida. Os livros que são coletâneas de mensagens eu os recebo nas sessões mediúnicas de nossa casa, em uma sessão pública especializada para cartas do além, diante do público. Nas viagens, Joanna de Ângelis convida amigos espirituais para que abordem o tema que foi discutido naquela noite sob um outro ângulo e vamos formando os livros sob a orientação dessa





entidade generosa. Quando tratamos de revelações do além-túmulo, como as obras de Manoel Philomeno de Miranda, os romances de Victor Hugo, os livros de Amélia Rodrigues, sempre são reservados vários dias em que eu, não viajando, possa dedicar-me de 16 a 18 horas diárias exclusivamente para esse mister. E graças a Deus em apenas

Divaldo – Não acontece com frequência. A minha primeira experiência foi num programa de TV na cidade de Uberaba quando fui agraciado com o título de Cidadão Uberabense. Após a cerimônia, no dia seguinte, em um programa chamado “A Bigorna” – porque os entrevistadores bigornavam o entrevistado – então estava o materialis-

Para minha surpresa veio uma mensagem escrita em inglês

20 a 28 dias os benfeitores conseguem escrever uma obra que logo vai publicada.

- Quantos Espíritos escrevem por seu intermédio?

Divaldo – O Dr. Washington Luís Nogueira Fernandes, que me tem biografado e feito estatísticas das minhas atividades graças a documentação de que disponho, chegou a contabilizar 263 que já foram publicados. Mas, como venho psicografando cartas particulares do além-túmulo para pessoas que não as publicam por motivos compreensíveis, eu acredito que já ultrapassam 400.

- Tivemos conhecimento de que recentemente no Congresso Espírita em Paris. Realizado em 2004, você recebeu uma mensagem psicografada espelhada em francês, na frente de 1.800 pessoas. Isso acontece com frequência?

ta, o professor da Universidade, outras personalidades que me entrevistaram em tom de debate muito acalorado. Ao término o mediador do programa perguntou se eu poderia psicografar. Expliquei que não dependia de mim mas, como via a mentora Joanna de Ângelis presente, aquiesci e disse que iríamos tentar. Para minha surpresa veio uma mensagem escrita em inglês especularmente para ser lida através do próprio espelho. A surpresa foi geral, Chico Xavier ainda estava encarnado e acompanhou o programa pela televisão como me disse depois. Posteriormente eu psicografei outra na cidade de Elton College na Carolina do Norte, na residência do senhor Haddad, em uma reunião íntima. Mais tarde, voltei a psicografar em uma atividade numa igreja na cidade de San Antonio no Texas, em uma reunião promovida pelo Dr. John Zerio, quando mais uma vez eu tive a experiência em inglês. Essa em francês em Paris foi

ESTUDO

uma grande surpresa. No entanto já havia escrito linearmente em francês, em italiano, alemão e até mesmo em árabe, de cujas mensagens conservamos os originais com muito carinho.

Recebi também duas mensagens em alemão, uma em público e outra em Salvador, dirigida ao engenheiro André Studer, que a publicou no livro que ele estava escrevendo de nome “Manur”. Foi muito curioso porque André Studer é uma alma muito querida, um grande amigo nosso e benfeitor e um dia Joanna de Ângelis apareceu e queria mandar a ele uma mensagem, que pensei ser uma mensagem convencional em português. Ela escreveu para ele em alemão antigo a respeito do li-

- Você escreve muitos livros na linha psicológica que são utilizados por vários estudantes de psicologia. Qual a posição da ciência em relação às obras mediúnicas?

Divaldo - Graças à psicologia transpessoal há hoje uma visão muito digna em torno do trabalho que vem do além-túmulo pela visão, pela observação dos seus estudiosos. Quando Joanna de Ângelis começou a escrever a série psicológica, que hoje totaliza 12 livros, a mim causou uma grande surpresa e perguntei-lhe como é que ela, tendo desencarnado em 1822, poderia escrever sobre assuntos da atualidade,

doutrina de Carl Gustave Jung por abrir na sua psicologia profunda uma possibilidade muito ampla para a psicologia transpessoal, porque o desejo da querida Benfeitora é de fazer uma ponte entre a psicologia e o Espiritismo, demonstrando que Allan Kardec foi o primeiro psicólogo não-acadêmico, porque ele penetrou no âmago dos conflitos humanos e ofereceu as respostas hábeis e as terapias mais edificantes. Então, hoje, os psicólogos, não apenas os transpessoais, examinam a produção mediúnica e a aceitam, com as exceções compreensíveis. Havemos no Brasil os que estão adotando nos seus cursos universitários algumas das obras de Joanna de Ângelis, como grupos de psicólogos que as estudam em todo o território nacional. Eu tenho relacionado mais de 30 nomes de instituições espíritas que tiveram a gentileza de mandar comunicar-me que Joanna de Ângelis foi estudada sob a orientação de psicólogos. ■

...o conhecimento vem do mundo espiritual para o terreno e não deste para aquele

vro que ele estava escrevendo, de que ninguém sabia, só ele e a esposa. Então mandei-lhe a mensagem sem saber do conteúdo e mais tarde ele me confidenciou que foi a maior prova da excelência do livro e que teve da mediunidade. Ele bem sabe que eu não falo alemão, e sabia que eu não estava informado de maneira nenhuma sobre o livro.

Recebi outra mensagem em italiano na Comunità Vita Nuova, em Milão. Estava em uma reunião e Ernesto Bozzano veio e escreveu em italiano, sem ninguém esperar. Posteriormente eu recebi uma segunda mensagem em italiano dirigida ao então presidente do Vita Nuova, Antonio Rosa Spina, hoje desencarnado.

referir-se a autores e a escritores, a psicólogos, psicanalistas, psiquiatras do século 20. Ela explicou-me, com a clareza do seu raciocínio, que o conhecimento vem do mundo espiritual para o terreno e não deste para aquele. Ela não foi uma psicóloga acadêmica, mas que no mundo espiritual muitos daqueles que vieram trazer a psicologia estiveram em convívio com ela e outros, debatendo temas, construindo os processos da doutrina e reencarnaram sob sua assistência e assistência do grupo. Quando retornaram foram avaliados, comentados, e outros missionários do pensamento vieram à Terra. Desse modo ela estava muito familiarizada, particularmente com a

Fonte:

Jornal O Imortal. Outubro/2006. Págs. 8 e 9.

A Crase tem Casos Especiais

por Eduardo Martins



Alguns usos especiais da crase nem sempre ficam claros pela simples aplicação das regras vistas na edição anterior.

Assim, emprega-se a crase:

- a) **Nas indicações de horas**, desde que **determinadas**. *Chegou às 2 horas, às 16 horas, à 1 hora.* Zero e meia incluem-se na regra: *O aumento entra em vigor à zero hora. / Venho à meia noite em ponto.* Aliás, a substituição por palavras masculinas mostra a equivalência: *Veio ao meio-dia em ponto. / Chegou aos 12 minutos de hoje.* A indeterminação afasta a crase: *Irá a uma hora qualquer.*

- b) **Antes de que, qual e quais**, desde que o **a** ou **as** possa ser substituído por **a** ou **aos**. *É uma fazenda semelhante à (fazenda) que compramos.* Equivalente: *É um sítio semelhante ao (sítio) que compramos. / Eis a moça à qual (moça) você se referiu.* Equivalente: *Eis o rapaz ao qual (rapaz) você se referiu. / Elogiou as experiências às quais (experiências) nos submetemos.* Equivalente: *Elogiou os testes aos quais (testes) nos submetemos.*

- c) Nas formas **àquele, aqueles, àquela, aquelas, àquilo** (resultantes da contração da preposição **a** com os pronomes **aquele, aqueles, aquela, aquelas e aquilo**) *Não me refiro àquele (a + aquele) homem nem àqueles (a + aqueles) outros. / Irei amanhã àquela (a + aquela) cidade ou àquelas (a + aquelas) duas mais próximas. / Não o vínculo àquilo (a + aquilo).*

Agora talvez seja o momento de perguntar: existem casos de crase opcional? Existem.

- a) **Pronome Possessivo.** Como é facultativo o uso do artigo antes de **pronome possessivo**, o mesmo ocorre com a crase. Assim: *Dirigiu-se a (ou à) sua irmã. / Deu ajuda a (ou à) nossa amiga.* A crase, em geral, dá clareza a esse tipo de oração.
Observação. Não se pode empregar o **a** com acento se o pronome possessivo fizer parte de uma forma de tratamento. *Não me referi a Vossa Excelência. / Pediu perdão a Nossa Senhora.*
- b) **Nome de mulher.** O artigo também é opcional antes de nome de mulher. Por isso, a crase também é facultativa. De qualquer forma, prefira aplicar a crase quando a mulher for pessoa íntima. Assim: *Deu o livro à Maria* (presume-se que seja amiga ou parente). */ Declarou-se à Verônica* (ninguém vai declarar-se a uma estranha, imagina-se). Em casos mais formais, usa-se o **a** sem acento: *Fez boas referências a Fernanda Montenegro* (só os amigos da atriz poderiam fazer boas referências à Fernanda).
- c) **Até.** *A festa irá até as 23 horas* (ou *até às 23 horas*). */ Até a volta!* (ou: *Até à volta!*) */ Foram com ele até a porta* (ou *até à porta*). Uma sugestão: evite a crase, uma vez que a forma **até a** dá ao texto idéia de erudição ou rebuscamento.

Fonte:

MARTINS, Eduardo. *Com Todas as Letras*. Pág. 52. Editora Moderna. São Paulo/SP, 1999.

Executar Bem

*“E ele lhes disse: - Não peçais mais do que o que vos está ordenado.” João Batista
(Lucas, 3:13.)*

A advertência de João Batista à massa inquieta é dos avisos mais preciosos do Evangelho.

A ansiedade é inimiga do trabalho frutuoso.

A precipitação determina desordens e recapitulações conseqüentes.

Toda atividade edificante reclama entendimento.

A palavra do Precursor não visa anular a iniciativa ou diminuir a responsabilidade, mas recomenda espírito de precisão e execução nos compromissos assumidos.

As realizações prematuras ocasionam grandes desperdícios de energia e atritos inúteis.

Nos circuitos evangélicos da atualidade, o conselho de João Batista deve ser especialmente lembrado.

Quantos pedem novas mensagens espirituais, sem haver atendido a sagradas recomendações das mensagens velhas? quantos aprendizes aflitos por transmitir a verdade ao povo, sem haver cumprido ainda a menor parcela de responsabilidade para com o lar que formaram no mundo? Exigem revelações, emoções e novidades, esquecidos de que também existem deveres inalienáveis desafiando o espírito eterno.

O programa individual de trabalho da alma, no aprimoramento de si mesma, na condição de encarnada ou desencarnada, é lei soberana.

Inútil enganar o homem a si mesmo com belas palavras, sem lhes aderir intimamente, ou recolher-se à proteção de terceiros, na esfera da carne ou nos círculos espirituais que lhe são próximos.

De qualquer modo, haverá na experiência de cada um de nós a ordenação do criador e o serviço da criatura.

Não basta multiplicar as promessas ou pedir variadas tarefas ao mesmo tempo. Antes de tudo, é indispensável receber a ordenação do Senhor, cada dia, e executá-la do melhor modo.



Chico Xavier - Emmanuel
Vinha de Luz



revistafidelidade@terra.com.br • ano V • dezembro/2006 • nº 51 • R\$5,00

Revista

FidelidadESPÍRITA



O SEGREDO DA GRANDE ESFINGE

A
Revista que
se **Responsabiliza**
Doutrinariamente
pelos Textos Publicados

SUMÁRIO

4 REFLEXÃO

ART. 282 E 284 DO CÓDIGO PENAL BRASILEIRO

○ Espiritismo enfrentando a política

7 MEDIUNIDADE

ROMANCES MEDIÚNICOS - PARTE III

Esclarecimentos quanto à qualidade dos textos mediúnicos

14 CAPA

O SEGREDO DA GRANDE ESFINGE

A poder da Igreja durante todos os tempos

24 DIVULGAÇÃO

MÃE REENCONTRA FILHOS DE EXISTÊNCIA PASSADA

Filme lançado em DVD retrata caso verídico

25 ESTUDO

CENTRO ESPÍRITA E ADMINISTRAÇÃO

Organização faz parte do bom funcionamento da Casa Espírita

27 COM TODAS AS LETRAS

LOCUÇÕES CRIAM POLÊMICAS SOBRE A CRASE

Importantes dicas da nossa língua portuguesa

FALE CONOSCO ON-LINE

CADASTRE-SE NO **MSN**
E ADICIONE O NOSSO ENDEREÇO:

atendimentovistafidelidade@hotmail.com



Edição

Centro de Estudos Espíritas
"Nosso Lar" – Depto. Editorial

Equipe Editorial

Adriana Levantesi
Leandro Camargo
Rodrigo Lobo
Sandro Cosso
Thais Cândida
Zilda Nascimento

Jornalista Responsável

Renata Levantesi (Mtb 28.765)

Projeto Gráfico

Fernanda Berquó Spina

Revisão

Equipe FidelidadEspírita

Administração e Comércio

Elizabeth Cristina S. Silva

Apoio Cultural

Braga Produtos Adesivos

Impressão

Citygráfica

O Centro de Estudos Espíritas
"Nosso Lar" responsabiliza-se
doutrinariamente pelos artigos
publicados nesta revista.

 realmente, a faculdade mediúnica independe da fé para expressar-se em fenômenos de toda ordem. A sociedade está repleta de pessoas que, mesmo sem acreditar, atuam como intermediários da Espiritualidade, confirmando a realidade do intercâmbio.

Entretanto, para aquele que já se conscientizou das próprias possibilidades psíquicas, e decidiu assumi-las com dedicação e responsabilidade, a fé passa a representar fator imprescindível.

Uma semente atirada ao solo, embora conserve em si a possibilidade natural de germinar, nem sempre produzirá a contento, por estar sujeita às intempéries do tempo e às imperfeições do terreno.

Todavia, se recebe adubação adequada, potencializa suas energias, desenvolvendo-se de forma robusta e produtiva.

Em se tratando de mediunidade responsável, ninguém prescinde do adubo da fé fortalecendo o solo da alma.

No intercâmbio com o Além, a fé raciocinada atua como agente indutor predispondo o médium para a libertação das forças psíquicas necessárias ao fenômeno.

Meditemos nisso, e constataremos facilmente a importância da atitude mental no momento do intercâmbio.

Abrir-se para receber;

Receber para transmitir;

Transmitir para auxiliar.

Certamente, não se trata de adotar uma postura mística, incompatível com a seriedade que o ato mediúnico exige. Em Espiritismo, fé não é sinônimo de fanatismo.

A fé a que Allan Kardec se refere é aquela sustentada na base do raciocínio e do estudo, mediante os quais se adquire a convicção racional acerca da imortalidade do espírito e da possibilidade de comunicação entre os dois lados da vida.

Imbuído da fé sincera e dos objetivos elevados, o tarefeiro atrairá para si, de forma natural, a presença de amigos espirituais que o circundarão em suas atividades, conferindo-lhe segurança e orientação.

Augusto

LEVY, Clayton. *Mediunidade e Autoconhecimento*. CEAK. 2003

FALE CONOSCO

revistafidelidade@terra.com.br

(19) 3233-5596

Assinaturas

Assinatura anual: R\$45,00
(Exterior: US\$50,00)

Centro de Estudos Espíritas "Nosso Lar"

Rua Luís Silvério, 120 – Vila Marieta 13042-010 Campinas/SP

CNPJ: 01.990.042/0001-80 Inscr. Estadual: 244.933.991.112

Art. 282 e 284 do Código Penal Brasileiro - Política

por Suely Caldas Schubert



26 – 4 – 1945

“(...) Tenho consagrado todas as minhas horas disponíveis ao trabalho de André Luiz. Recebi as mensagens publicadas em “Reformador”, a que te referes. Há dias, ouvi Emmanuel sobre o assunto, sendo que ele aconselhou fossem todas elas (com exceção de algumas) colocadas em futura edição provável do “Novas Mensagens”. Diz ele que não será útil fazer uma nova publicação com esses trabalhos e, de agora em diante, o nosso velho amigo é o “Irmão X” para todos efeitos, sendo de esperar que ele nos dê algo, de novo, mais tarde, sob esse nome igualmente novo, não é? Recebi ontem a 3ª edição do “Novas Mensagens”, o que te agradeço e, assim, esperaremos o futuro e teremos bastante tempo para tratar do caso, não achas? A propósito, envio-te a nova mensagem que recebi do “Irmão X”, ontem, e que passo para tuas mãos. Achei-a muito interessante.

Muito grato pelas notícias do nosso estimado e bom amigo Sr. Figner. Espero em Jesus, que, conforme me contas, possa eu, em breve, ouvi-lo ao telefone. (...)

Muito grato pela notícia do “Parnaso” nas alturas. Creio que é a primeira vez que as suas páginas te-

rão sido lidas em avião, não é mesmo?”

Chico se dedica, como declarava, ao novo livro de André Luiz, cujo título ele informa a Wantuil na próxima carta.

Em seguida, refere-se às mensa-

nome de Humberto de Campos como autor espiritual.

O último parágrafo do trecho da carta acima refere-se a uma viagem aérea que Wantuil tinha realizado, tendo este informado ao Chico que aproveitara o tempo do percurso para rever as provas de máquina de

buscando assegurar a todos os médiuns o direito de ajudar o próximo, Wantuil de Freitas irá até o Presidente da Republica!

gens de Humberto de Campos e que levariam agora – conforme fora combinado – a assinatura de “Irmão X”. Naturalmente, tanto ele quanto Wantuil têm ainda em mãos algumas mensagens com o verdadeiro nome do célebre escritor brasileiro e, prudentemente, segundo a orientação de Emmanuel, não fariam nova publicação com esses trabalhos. Aguardariam, assim, que com o pseudônimo de Irmão X ele transmitisse outras páginas mediúnicas. Como o próprio Chico diz, estava sendo lançada a 3ª edição do “Novas Mensagens”, onde consta o

nova edição do “Parnaso de Além-Túmulo”.

“Estou rogando a proteção de Jesus para as tuas providências “anti-282 e 284”. Que Jesus nos projeta, a fim de que possamos intensificar os serviços do bem”.

Chico faz, no texto acima, importante menção ao trabalho verdadeiramente brilhante de Wantuil de Freitas no sentido de conseguir a modificação dos artigos 282 e 284 do Código Penal Brasileiro, os quais atingiam, especialmente, os mé-

diuns curadores. Na defesa destes, isto é, buscando assegurar a todos os médiuns o direito de ajudar o próximo e de praticar a caridade em nome de Jesus, Wantuil de Freitas irá até o Presidente da República! Só este fato bastaria para assinalar indelevelmente a presença de Wantuil na História do Espiritismo no Brasil.

Também aqui, valemo-nos do trabalho de Clóvis Ramos, “Documentos e depoimentos para a História do Espiritismo no Brasil”, em sua 3ª parte, publicada em “Reformador” n° 1.836, de março de 1982, transcrevendo um trecho do relatório de Wantuil de Freitas, no período de julho de 1944 a junho de 1945, apresentado à Assembléia Deliberativa da FEB. Primeiro, a explicação de Clóvis Ramos.

“A luta maior foi, e tem sido, conta o que os inimigos do Espiritismo fizeram constar do Código Penal Brasileiro, com o fito de atin-

gir os médiuns curadores, que tantos serviços prestavam, e ainda prestam, aos pobres deste País, dando de graça o que de graça recebem, como manda o Evangelho. Lutou, a FEB, com denodo, contra os artigos 282 e 284, do nosso Código em vigor.”

E agora a palavra do Dr. Wantuil de Freitas:

“Não se descuidou também a Diretoria de defender o nosso ponto de vista relativo à interpretação que o judiciário vem dando aos artigos 282 e 284 do Código Penal. Todas as nossas exposições anteriores foram mandadas arquivar pelos Srs. Ministros da Justiça, diante dos pareceres dos Consultores Jurídicos do Ministério; no entanto, no correr do exercício, nova exposição e novos argumentos dirigimos ao Sr. Presidente da República, solicitando alteração, modificação ou revogação dos referidos artigos. Sobre essa última exposição de motivos,

felizmente, nos é dado comunicar-vos, com absoluta segurança, que ela mereceu ser informada favoravelmente pelos juristas do Ministério; todavia, como o Sr. Ministro lhe desse o despacho – “Examine-se oportunamente” – resolvemos apelar para o Sr. Presidente da República, pedindo-lhe uma audiência, na qual lhe expusemos, em data de 16 de julho^(*), as razões em que nos baseamos.”

Pode-se imaginar gesto mais positivo, mais firme, mais direto e decidido em defesa do Espiritismo? Por incrível que pareça, Wantuil de Freitas teria não apenas essa, mas outras atitudes igualmente arrojadas e decisivas, defendendo a nossa Doutrina, numa época em que era preciso lutar até mesmo pelo direito de ser espírita. Pelo direito de ir ao Centro. Pelo direito de ver a Doutrina Espírita reconhecida e respeitada como religião.

E o “Reformador” de agosto de 1946 traz o relato complementar de Wantuil: ▶



REFLEXÃO

“Em 16 de julho (*) estivemos em presença do Sr. Presidente da República, em audiência previamente marcada, a fim de conseguirmos que o S. Exa. examinasse as ponderações que lhe apresentamos quanto à injustiça dos artigos 282 e 284 do Código Penal, criados pelos adversários do Espiritismo, em desrespeito à Constituição do País. Prometeu-nos S. Exa. que iria estudar o processo que se encontrava em mãos do seu Ministro da Justiça, aliás, segundo fomos informados, com parecer favorável; no entanto, enca-

co, dentista ou farmacêutico, sem autorização legal ou excedendo-lhe os limites:

Pena – detenção, de seis meses a dois anos.

Parágrafo único. Se o crime é praticado com o fim de lucro aplica-se também multa, de um a cinco contos de réis.

Tratando do charlatanismo:

Art. 284. Inculcar ou anunciar cura por meio secreto ou infalível:

Pena – detenção, de três meses a um ano, e multa de um a cinco contos de réis.

trabalho não pode esquecer aquele ensinamento do Divino Mestre – “a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”. Logo que eu voltar da viagem te enviarei as cópias para leres com o Ismael. (...)”

Chico utiliza a interessante imagem “as sereias estão cantando” para simbolizar o fascínio, a atração que a política exerce sobre muitas pessoas. Também ele não escapou de “ouvir o canto das sereias” isto é, de ser convocado a entrar no jogo político, com a promessa de ofertas tentadoras, caso desse seu apoio a algum político. Entretanto, apesar de ouvir-lhes o canto, não hesita em prosseguir na sua caminhada. E sobre isto comenta com o amigo, dizendo: “Nossa tarefa é com Cristo de Deus (...) nosso coração não foi chamado para esse gênero de lutas.” É evidente que Chico sabe não ser essa a tarefa de ambos.

Como detalhe curioso, a revelação de que o Bispo de Maura lhe escreve longa carta, supondo que Chico estaria interessado em se projetar no cenário político. A resposta de Chico Xavier, sob a orientação de seu Mentor Espiritual, enfatiza junto ao Bispo o ensinamento do Divino Mestre para aqueles que estão a Seu serviço: “A César o que é de César e a Deus o que é de Deus”. Chico promete a Wantuil enviar-lhe, para que leia, juntamente com Ismael, a cópia da carta do Bispo de Maura e a cópia da resposta que ele lhe remeteu. ■

...ainda acontecem, perseguições aos médiuns, que, de vez em quando, se vêem às voltas com a polícia

minhado pelo Sr. Ministro para o Consultor Geral da República, o processo não voltou às mãos do Presidente, visto que as Forças Armadas entregaram a direção do País ao Poder Judiciário. Dessa forma, deveremos esperar que a Nação volte ao seu estado normal, para prosseguirmos em nossos trabalhos.”

Vejamos agora o que estatui o nosso Código Penal e que é tão prejudicial ao Espiritismo, ao livre exercício da caridade que visa a aliviar os males do corpo e da alma:

(*) trata-se de 16 de julho de 1945. (Nota da Editora.)

“Tratando do exercício ilegal da medicina (esclarece Clóvis Ramos, acima citado), arte dentária e arte farmacêutica, diz o seguinte:

Art. 282. Exercer, ainda que a título gratuito, a profissão de médi-

Da interpretação desses dispositivos legais (prosegue Clóvis Ramos), aconteceram, e ainda acontecem, perseguições aos médiuns, que, de vez em quando, se vêem às voltas com a polícia, acusados do “exercício ilegal da medicina”, confundidos, muitos deles, com mestres do charlatanismo...”

“O que me dizes sobre a política é o que eu penso. Nossa tarefa é com Cristo de Deus. As “sereias estão cantando”, mas a verdade é que o nosso coração não foi chamado para esse gênero de luta. O Bispo de Maura me escreveu uma carta longa (cuja cópia com a cópia de minha resposta enviarei, breve, à leitura confidencial com o Ismael), acreditando eu que ele também está interessado em movimento político. Estou respondendo a ele, com instruções de Emmanuel (a mim, particularmente) lembrando que o nosso

Fonte:

SCHUBERT, Suely Caldas. *Testemunhos de Chico Xavier*. Págs. 54 - 59. Feb

Romances Mediúnicos - Parte III

por Yvonne do Amaral Pereira

Jamais nos fora possível conceber cenas tão belas, tão artisticamente delineadas, paisagens tão esmeradas e tão encantadores pormenores como ao nosso espírito deram a contemplar nessa madrugada feliz, em que nos vimos arrebatada para o Espaço. Os fatos se desenvolviam em cores que iam do azul pervinca, cintilante, ao branco igualmente cin-

tilante, ornados de efeitos de luz e sombreados em azul mais forte, lembrando quadros de Rembrandt¹. Nenhum detalhe de salão ou de algum jardim, nenhum pormenor de vestuários femininos ou masculinos, e nem mesmo os perfumes escapavam à nossa observação ou à nossa sensibilidade. A certa altura, ouvimos que Hugo comunicava:

- “A quarta Parte será narrada em grifo...”

Não compreendemos o que queria ele dizer. Nada perguntamos, no entanto. Acreditamos, mesmo, que o médium, em tal situação, absolutamente não poderá “falar”, ou seja, externar a própria vontade, senão obedecer à vontade alheia. Pensávamos, porém. E meditamos em que ▶



¹ Rembrandt Harmeszoan Van Ryn

– Ilustre pintor da escola holandesa. Nasceu em Leyde, em 1606, e morreu em Amsterdão, em 1669. Esse inconfundível artista brilha pelo vigor e riqueza do pincel, pela ciência do claro-escuro, cuja multiplicidade de recursos foi o primeiro a mostrar, pela vida das encarnações, vigor das sombras e brilhos da luz. Deixou 350 pinturas e outras tantas águas-fortes. É célebre o seu auto-retrato.



Pinturas de Rembrandt - A Festa de Balthazar (1635) e A Noiva Judia (1666)

o grifo é um sinal na escrita manual ou tipográfica, um tipo de letra de imprensa diferente dos demais caracteres em que o texto de uma obra foi impresso, embora os dicionários expliquem tratar-se também de um enigma, de algo embaraçado ou ambíguo. Dentro em pouco, no

sas, porém claras e cintilantes, como se um sol vivo e ardente recobrisse os ambientes. Mas, naqueles vividos em Paris, durante essa Quarta Parte, as cores eram mais brandas e delicadas, destacando-se o azul e o rosa, como em “Nas Voragens do Pecado”, mas tudo envolvido em discre-

nos preocupava e nos era impossível avaliar. Conhecemos, então, detalhes repugnantes e atrozes, ali existentes, tais como imundícies e fétidos, o que até então ignorávamos houvesse existido nos ditos presidios. Chorávamos e sofriamos, exatamente como faziam as personagens. Cenas, impressões e emoções repercutiam em nossas sensibilidades com intensidade profunda e inexplicável, não isenta de sofrimentos. Cremos que todas as potências com que Deus prendou nosso ser anímico encontravam-se, naqueles momentos sagrados, hiperestasiadas, ou seja, todas as nossas energias vibratórias se haviam exaltado ao grau máximo de nossas resistências espirituais. Por vezes, sobrevinha a fadiga. Mas Charles reconduzia-nos o espírito para junto do corpo – ou tínhamos a impressão de que tal acontecia, não sabemos ao certo. – Víamo-lo, então, o corpo, arquejante a suspirar profundamente. Vultos aéreos, não reconhecidos por nós, cremos que o tonificavam com tera- ▶

Cenas, impressões e emoções repercutiam em nossas sensibilidades com intensidade profunda

entanto, era realmente exposta a Quarta Parte do livro, exatamente o trecho iniciado em Florença e terminando em Paris, “pelos albos do XVIII século”. Mas, as cenas, agora, bem assim as paisagens, os ambientes, eram inteiramente modelados em cores vivas, diferentes, portanto do resto do trabalho, que fora em azul e branco. Aí estaria o grifo... Nos episódios verificados em Florença, as colorações eram mais inten-

ta penumbra, como se chovesse.

No decurso das cenas, nós nos sentíamos, por toda a parte, como que acompanhante das personagens, a ponto de ingressar em um túmulo com o cadáver de um suicida, cujo Espírito se debatia no período das confusões, e chegando até a sentir o fétido da decomposição cadavérica. Reconhecemo-nos, igualmente, detida no horror das antigas prisões européias, cuja realidade antes não

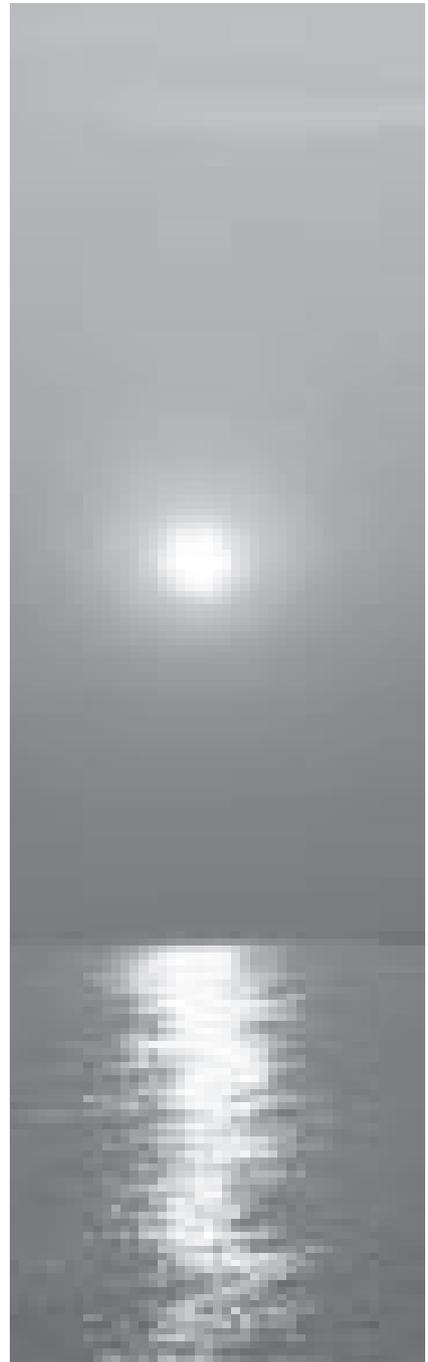
pêuticas celestes aplicáveis ao caso, pois que, então, sobrevinha grande alívio no estado geral e retornávamos aos acontecimentos, como dantes. Indagado, certa vez, da generosidade dos amigos espirituais sobre a razão por que nos eram facultadas tais visões, tão belas e empolgantes, antes que a entidade escrevesse psicograficamente a obra, favor que absolutamente não julgávamos merecer, eis a resposta fornecida pelo próprio Espírito Charles:

- “Não se trata de favor... É apenas um dom natural, que possui, assaz desenvolvido, como outros médiuns o possuirão, conquanto não seja tão comum como os demais dons. Um tipo de faculdade que, de outro modo, facilita o ditado psicográfico, porque armazena o cabedal necessário nas camadas mentais do instrumento mediúnico. Tornar-se-á indispensável a tal fenômeno, entretanto, a absoluta afinidade com o Espírito operante, uma sintonia de vibrações, por assim dizer integral, do médium com o “narrador”... Daí a dificuldade de ação e o fato de tornar-se o fenômeno pouco comum... Ainda assim, será necessário que exijamos do aparelho transmissor todas as energias vibratórias de que puder dispor, as quais ainda serão por nós outros elevadas por processos delicados, a fim de que se atinja a comunhão precisa, ou transfusão plena das suas mentes, que se deverão interpenetrar. Um fenômeno mediúnico, enfim, como qualquer outro. Processar-se-á, então, a sugestão forte, projetada pela entidade criadora da peça literária sobre o médium, e a que as ten-

dências e disposições deste gostosamente se acomodem. Não poderíamos, assim sendo, fornecer assuntos que ao médium repugnassem, senão aqueles que exaltassem as suas sensibilidades. Esse é, aliás, o mesmo processo de obsessão. O obsidiado é um passivo que prazerosamente, por assim dizer, se submete ao fato e que conjuga vibrações, de modo completo, com seus obsessores. E quando ele afirma que está vendo isso e mais aquilo, realmente o vê, porque o seu dominador criou o fato, ou a figura, para ele, visto que **o poder de criar é uma força natural do pensamento, um ato da vontade de cada um.** Nesse caso, porém, em se tratando de forças inferiores, fatos e figuras serão deploráveis, porque oriundos de vibrações nocivas, em desarmonia com as leis do Bem e do Belo, causando, então, desequilíbrios impressionantes às duas forças que se chocam. Mas, ao médium espírita, já enfronhado nos meandros de tais fenômenos, tais anomalias deixarão de acontecer, uma vez que estará habilitado a enfrentar, com sinceridade, as sutilezas da faculdade psíquica. Daí o afirmarmos nós outros a soberana convivência de os homens em geral se alistarem nas hostes do Consolador, a fim

será necessário que exijamos do aparelho transmissor todas as energias vibratórias de que puder dispor

de se reeducarem, reconhecendo em si próprios os valores que possuem,



MEDIUNIDADE

as faculdades e possibilidades de que são dotados e os meios de dirigi-las para culminâncias recompensadoras, pois todos esses magníficos dons anímicos lhes foram conferidos pelas leis da Criação para que, através deles, possam servir à sua própria glória, servindo ao próximo e à causa da Vida Imoral...”

Não encerraremos o capítulo sem narrar o mais curioso fenômeno ocorrido na mencionada ocasião.

No desenvolver do drama assim entrevisto, há uma festa, um baile na residência de uma das personagens do romance, exatamente aquele Georges de Soissons, que encarna o **homem de bem** na moral da lição. A certa altura do referido baile, a que assistíamos como se presente estivéssemos, a personagem central, Gaston d'Arbeville, põe-se a cantar uma “romanza” aos tons da harpa, cujos versos, de uma maestria e beleza patética, ouvíamos e compreendíamos. Perguntar-nos-ão, porém, se ouvíamos os versos em francês ou em português, visto as personagens da história serem francesas...

Responderemos que, no Além, durante nossos transportes, jamais qualquer dificuldade lingüística nos perturbou, não obstante conhecermos exemplos de entidades, muito materializadas e inferiores, incapazes de adicionarem as forças do pensamento, as quais usam o linguajar a que se habitua quando encarnadas. Possuímos amigos espirituais franceses, brasileiros, espanhóis, um polonês, um russo, vários mestres hindus e egípcios. Todos nos falam, nos aconselham e escrevem com o nosso lápis, ou se valem da nossa

audição. Nós os entendemos perfeitamente, transcrevemos o que dizem... mas não sabemos em que idioma falam... Sabemos é que, acima de tudo, pensam! No entanto, distinguimos o “tom vocal” particular de cada um, pois que se trata de vibrações do pensamento e as vibrações diferem segundo o caráter de cada entidade, a tal ponto que conheceríamos a “voz” de cada uma delas dentre centenas de “vozes”.

Ouvíamos, pois, e compreendíamos os versos da canção, eis tudo. E, como judiciosamente lembrou Allan Kardec, ninguém, e ainda menos um Espírito desencarnado de ordem elevada, pensa neste ou naquele idioma. Pensa, simplesmente. E aquele que possuir percepções capazes de compreender seu pensamento, entendê-lo-á naturalmente. Todavia, repetimos, Espíritos inferiores, e que foram de outras naciona-

No Além, durante nossos transportes, jamais qualquer dificuldade lingüística nos perturbou



lidades quando homens, já nos falaram em idiomas que não nos foi possível compreender. Cremos tratar-se, esse fato, de particularidade para nossos estudos.

Entretanto, Charles atraía-nos para a beira do corpo carnal em letargia, justamente quando a personagem “Gaston” cantava sua “romanza”. Esse quadro deslumbrante, isto é, o salão feérico, inundado de uma cintilante luz azul muito pálido, regurgitante de convidados; o luxo e o brilho dos vestuários, Gaston, tangendo a harpa e a cantar a melodia comovente, e até fulgurância das jóias por ele usadas no momento, tudo nos acompanhara para o nosso aposento de dormir e agora pairava no ar, clareando o recinto com a sublime luz em azul e branco que coloria as cenas. Talvez, porém, o quadro não nos acompanhasse propriamente e sim nossa visão espiritual se distendesse, favorecida pelos recursos operantes, produtores do fenômeno, permitindo-nos alcançar, do aposento referido, as cenas mantidas na Espiritualidade, visto tratar-se de experiências feitas pelos obreiros do Invisível para possíveis revelações sobre o mundo espiritual. Não fomos informada a respeito e aqui apenas registramos as duas possibilidades. À proporção que os versos caíram da voz do artista, porém, nós os víamos escritos – **agora em bom português** -; pelo menos, essa foi a tradução feita por nossa mente. Eles pairavam no ar, como uma tela, ao lado da cena e não abaixo, como em cinematografia aparecem as legendas, em enormes caracteres tipográficos estilizados, como góticos, luminosos, irradiantes, tremeluzentes como



tudo pairava no ar, clareando o recinto
com a sublime luz em azul e branco
que coloria as cenas

MEDIUNIDADE

estrelas, parecendo estruturados em essências líquidas, igualmente brancos com irradiações azuladas. E Charles ordenou, meio ansioso, revelando muita pressa:

- “Levanta-te, toma do papel e traça, ligeira, esses versos...”

Mas nós nos sentíamos tão fatigada e sem forças! Respondemos negativamente, à beira do próprio corpo, a este vendo qual um cadáver:

que lembrava algo do primeiro movimento da “Sonata ao Luar”, de Beethoven, melodia que por mais de uma vez Charles nos tem dado a ouvir, quando desses transes. Tomamos do lápis, ligeira, excitada, recordando a advertência do reino amigo, pois conservamos sempre à cabeceira os utensílios de escrita, justamente para tais circunstâncias. No entanto, a chama espiritual que nos acionava se apagava, porque nem um

No entanto, a chama espiritual que nos acionava se apagava

- “Não posso! Estou muito cansada! Não posso...”

- “Sim, poderás! Levanta-te e escreve! Será a única forma de obteres versos do Além! Não és médium poeta! Escreve!”

- “Não, não poderei! Amanhã, quando despertar, sim, escreverei!...”

- “Será agora ou nunca mais!...”

E manifestava ansiedade, talvez contrariedade, enquanto repetíamos:

- “Amanhã escreverei, prometo... prometo...”

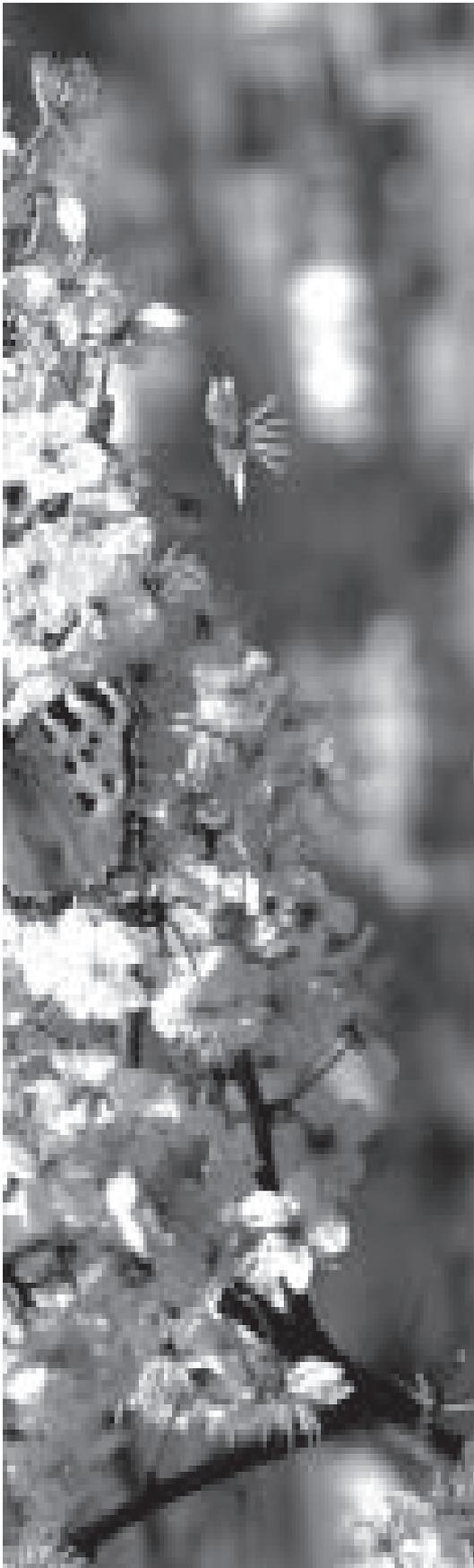
Certamente, a delicadeza e a bondade desse afetuoso Espírito não nos desejava obrigar a novo sacrifício, que exigiria de nós maior percentagem de esforços, pois não há dúvida de que ele nos poderia obrigar a atendê-lo. Na manhã seguinte, efetivamente, despertando de prolongado transe, recordamo-nos incontinênti do fato, ainda recitando os versos e trazendo impressa na alma a melodia,

único verso da bela peça foi possível tratar! Esquecemo-la completamente, ao reapossar definitivamente da matéria! Nem mesmo posteriormente, quando Charles se apresentou para escrever o romance, tal coisa foi possível!

Terminada a exposição de Gaton e de Victor Hugo, vimo-nos levada pelo instrutor Charles à presença do grande escritor, que nos agraciara com uma peça literária, como sói fazer-se na Espiritualidade. Compreendemos que aquele amigo nos apresentava como possível instrumento para transmissão da história aos homens, no feitio educativo de moldes espíritas. Victor Hugo fitou-nos com olhar profundo, perscrutador, como que devassando todos os escaninhos das nossas possibilidades psíquicas. Depois, voltou-se para Charles:

- “Haveria muito trabalho em prepará-la a meu gosto... Escreve tu,





através dela, pois conheces os fatos expostos, és intelectual, conheces a Filosofia e a Moral espíritas e possuis ascendência sobre ela, a médium... Tece o enredo à tua vontade, adaptando-o à Filosofia que esposamos...”

Alguns dias mais e Charles traçava, através da psicografia, a exposição romântica do citado drama, sem conclusões morais e filosóficas. E advertiu, em seguida:

- “Guarda o trabalho. Posterior-

sibilidades, através da psicografia mediúnica, foi publicado pela FEB para homenagear o Centenário da Codificação, sob o nome de “Amor e Ódio”.

Quando terminada a leitura do livro já impresso, nós o colocávamos em nossa humilde estante, amargo desapontamento adveio e murmuramos tristemente:

- “Não transmiti fielmente o que os nobres expositores espirituais desejavam dizer aos homens! A obra

A obra escrita ficou muito aquém da realidade que me deram a presenciar no Espaço

mente obterás instruções...”

Vinte e cinco anos mais tarde, isto é, ao findar o ano de 1955, apresentou-se novamente esse amigo, com as prometidas instruções:

- “Fui incumbido de escrever definitivamente a história de Gaston... Ele se encontra desde o ano de 1931... e certamente lerá a própria história nesse livro, porquanto também milita nas hostes do Consolador, já que, graças aos Céus, perseverou no ideal espírita, uma vez reencarnado...”.

Com efeito, rapidamente, Charles reviveu o enredo romântico, adaptando-o à Doutrina Espírita... e o drama, assim desenrolado no Além, como num teatro modelar, **durante um arrebatamento do nosso espírito**, narrado pelo talento de um escritor genial, e escrito pelo instrutor espiritual Charles, intelectual e artista de grandes pos-

escrita ficou muito aquém da realidade que me deram a presenciar no Espaço. Meu Deus! A palavra dos Espíritos, seus recursos criadores são poderosos demais, demasiadamente intensos e lindos para que nós, pobres seres humanos, possamos realmente traduzi-los para a nossa imperfeita e tão rude linguagem terrena...” ■

FIM

Fonte:

PEREIRA, Yvonne A. *Devassando o Invisível*. Págs. 138 a 173. Feb.

O Segredo da Grande Esfinge

por Hermínio C. Miranda



Muita gente esperava reformas bem mais profundas do Concílio Ecumênico Vaticano II, cuja realização custou catorze bilhões de cruzeiros, segundo balanço divulgado pelo “*Osservatore Della Documenta*”. E não apenas os leigos ou até mesmo indiferentes de toda questão religiosa, mas também muitos sacerdotes católicos, nos vários escalões da hierarquia eclesiástica, ficaram um tanto decepcionados. Não obstante, a tradição da Igreja não justificava tal esperança, nem a sua logística. Mesmo admitindo-se que a primeira pudesse ser desrespeitada ou pelo menos abandonada, a essência mesma do arcabouço doutrinário da Igreja é necessariamente rígida. Sem essa rigidez, que garante a estabilidade dos dogmas, não haveria doutrina católica, tal como a conhecemos. Claro que os teólogos mais esclarecidos já descobriram, de há muito, que os dogmas que pareciam rochedos inabaláveis se reduziram a seixos e calhaus que, longe de indicarem o caminho da salvação aos fiéis, se transformaram em verdadeiros tropeços. Aí, porém, está o dilema inescapável da Igreja: se não pode sobreviver sem os seus dogmas, como é que vai sobreviver com eles?

Um exame panorâmico da História da Igreja revela que, basicamente, há três fases distintas no desenvolvimento da instituição: um perí-

odo em que só pregavam e praticavam os ensinamentos recebidos diretamente de Jesus, por via daqueles que conviveram com o Mestre; um período em que se “reformou” a Igreja, introduzindo a era dos teólogos criadores de dogmas, e, finalmente, o período atual em que os dogmas já se vão tornando incômodos diante do progresso.

A primeira fase durou pouco mais de três séculos. Era o Cristianismo ainda incontaminado pelas interpretações teológicas, embora com os retoques doutrinários de

as doutrinas católicas com os novos conhecimentos que iam emergindo, numa sociedade eminentemente progressista como é a Humanidade. Até hoje, os dois vultos máximos da teologia católica continuam sendo Agostinho e Tomás de Aquino e a obra que deixaram se consagrou como praticamente definitiva, quanto à fixação das principais correntes teológicas.

No entanto, à medida que avança o homem na excogitação dos grandes problemas, vão aparecendo os buracos e os remendos na

a Igreja fez o que pôde, tenazmente, para deter ou, pelo menos, retardar a marcha do conhecimento

Paulo. A tradição histórica de Jesus ainda estava muito próxima e os textos deixados por escritores que conversaram diretamente com os apóstolos ainda não tinham sido mutilados e interpelados.

A segunda fase começa com o Concílio de Nicéia, em 325, quando se decidiu, *por votação*, que Jesus era Deus, uma das pessoas da Santíssima Trindade, e se redigiu o documento básico da fé católica, o Credo. Daí em diante é tudo elaboração sobre doutrinas preexistentes e não mais criação original. Os teólogos apenas procuravam conciliar

tessitura doutrinária do catolicismo. Não é segredo para ninguém que a Igreja fez o que pôde, tenazmente, para deter, ou, pelo menos, retardar a marcha do conhecimento. Também isso é da mais legítima tradição teológica. Lá está no Gênesis que, ao colocar as suas criaturas no paraíso, o Senhor lhes proibiu que provassem o fruto do conhecimento. Deveriam viver pela eternidade a fora na mais angelical das ignorâncias. Quando desobedeceram, foram expulsas e condenadas e uma existência de trabalhos e sofrimentos, deixaram a convivência do seu Cria

dor e, segundo os teólogos católicos, o demônio adquiriu poder sobre elas, o que dantes, ao que se supõe, não acontecia. Essa linguagem simbólica só quer dizer uma coisa: que do ponto de vista teológico seria melhor que o homem vivesse na santa ignorância, deixando aos teólogos o duro trabalho de pensar por ele. Ao que tudo indica, entretanto, não é essa a vontade de Deus, porque dotou o homem de inteligência e curiosidade, tornando o progresso e a evolução inelutáveis.

Às vezes a Igreja põe as idéias novas em quarentena apenas por prudência, a ver como se desenvolvem, para então pronunciar-se. Aliás, age da mesma forma quanto aos seus próprios membros. Não basta

que se vá dizer ao Papa que alguém viveu e morreu em santidade, para ser imediatamente canonizado. O processo é lento e custoso. De outras vezes, porém, a Igreja se lança com todo o seu prestígio e poder contra uma idéia ou uma descoberta porque vai contrariar frontalmente um mais de seus dogmas. Sempre o dogma...

O exemplo mais dramático dessa atitude foi a teoria do heliocentrismo de Copérnico. Para os teólogos, de bíblia na mão, a Terra, e não o Sol, era o centro de todo o mecanismo celeste. Mas a obra de Copérnico passou algo despercebida e circulou mais tarde entre os entendidos e, por isso, não provocou grande celeuma. Quando

Galileu retomou a questão, mais tarde, aí sim, a Igreja entrou em ação e, além de obrigar Galileu ao retratamento, proibiu qualquer referência escrita ao sistema de Copérnico. Acontece que os astrônomos do mundo inteiro, mesmo com seus instrumentos ainda primitivos, começaram a confirmar a teoria de Copérnico e Galileu. Não apenas astrônomos leigos, ateus e heréticos, mas até mesmo sacerdotes católicos estudiosos, como sempre os houve, especialmente entre os eruditos Jesuítas. A coisa durou séculos. Até 1822, a Igreja só admitia que se referisse ao heliocentrismo *como hipótese*. A doutíssima e poderosa Inquisição só então decidiu tolerar (notem bem: tolerar) obras que cuidassem “do movimento e da imobilidade do Sol, de acordo com a opinião comumente admitida pelos astrônomos modernos”.

Está no livro “Os Jesuítas, seus Segredos e seu Poder”, do escritor alemão René Füllop Miller.

Não se precisa dizer mais nada para se compreender o quanto custou esse retratamento, o quanto doeu à Igreja recuar de uma posição que havia assumido com tamanha intransigência. Também se compreende que daí em diante tenha sido cada vez mais cautelosa em colocar o peso da sua autoridade em apoio ou contra esta ou aquela idéia.

Não vai nestas observações censura alguma ao modo de agir dos responsáveis pela política da Igreja e pela sua estrutura teológica. É a *sua* verdade e tem que ser defendida a qualquer custo. Também os protestantes investiram contra a teoria de Copérnico, com tanto ou mais zelo teológico quanto o dos católi-

Até 1822, a Igreja só admitia que se referisse ao heliocentrismo *como hipótese*





Martinho Lutero (1483-1546)

cos. Há, a respeito, o pronunciamento veementíssimo de Melanchthon, o primeiro teólogo da Reforma.

Aliás, por falar em Reforma, convém lembrar que Lutero e seus seguidores, ao perceberem a significação do conflito inevitável entre ciência e dogmatismo, tentaram, num esforço desesperado, “libertar” a Religião do jugo da Razão. A Fé ti-

fica esmagado. Por isso, de tempos em tempos, em face da verdadeira massa de incongruências e contradições que se acumulam em trono de certos princípios doutrinários, a Igreja reúne um Concílio. Mas que ninguém se iluda. Por mais que se insista na tese do espírito de renovação e progressista a Igreja, a verdade dura e pura é que a convocação

A Fé tinha que ser absolutamente cega e só pela Fé poderia alguém salvar-se

nha que ser absolutamente cega e só pela Fé poderia alguém salvar-se. Não importa a falta de lógica da doutrina da expiação eterna ou da existência do demônio que, sendo uma criatura de Deus, anjo decaído, tenha sido investido de poderes bastante para perturbar a obra do seu Criador e até tentar a Jesus, uma das pessoas da Divindade. Nada disso importa. A Fé mandou aceitar – a Razão que se arranje... Ponto de vista diametralmente oposto adotaria Kardec, configurando claramente que a fé só é legítima quando passada pelo crivo da razão.

Sob muitos aspectos, o ponto de vista do Luteranismo foi apenas uma ênfase do que, mais discretamente, sempre defendeu o próprio Catolicismo. Os teólogos católicos que se arriscaram a invocar a razão, para examinar certas doutrinas, passaram por maus pedaços, quando não foram sumariamente excomulgados ou destituídos.

O progresso, no entanto, é inexorável e quem não vai com ele

de um concílio revela um estado de crise relativamente aguda, tão certo quanto a febre indica um estado de infecção. Vejam a História, que há abundante literatura profana sobre cada um dos concílios. Às vezes para erradicar uma heresia, de outras, para recuperar a unidade interna ou reforçar ou restabelecer a autoridade do Papa, mas sempre em épocas difíceis para a Igreja.

O primeiro Concílio realizou-se no ano 49, ao que parece por sugestão do apóstolo Paulo, a fim de dirimir a primeira crise de grandes proporções do Cristianismo nascente e que consistia em resolver a importantíssima questão Judaísmo *versus* helenização. Seria o Cristianismo apenas uma seita judaica? era necessário ser judeu e circuncidado para ser cristão? ou o Cristianismo seria uma religião universal a ser pregada também aos gentios?

“O problema – diz Daniel Rops na sua insuspeita “História da Igreja de Cristo”, Vol. I, pág. 95 – (era) demasiado grave para poder ser en- ▶

carado de esguelha e ao acaso das circunstâncias.” A desinteligência entre Paulo, que era universalista, e os demais apóstolos, que se batiam por um Cristianismo judaico, foi seríssima. Outros concílios de menor significação foram realizados com relativa freqüência, especialmente na igreja oriental. Vamos dar uma rapidíssima olhada, apenas nos mais importantes.

Em Nicéia, no ano de 325, organizou-se o primeiro Concílio chamado ecumênico, ou seja, universal. Esse foi o padrão e modelo para os demais. Nesse tempo – diz Rops – “pesava sobre a Igreja uma grave ameaça de divisão, bem pior ainda do que aquela que ele (Constantino) julgava ter hesitado na África”. Era a heresia do arianismo, que negava a divindade de Jesus. Quando, em pleno Concílio, Árius declarou que, como homem, Jesus poderia errar e até pecar, levantou-se um grito uníssono de horror.

Foi tão forte essa heresia que em 381 ainda se lutava contra ela e outro Concílio foi convocado para Constantinopla, “onde ela era ainda poderosa e seus últimos protagonistas... tiveram de dar lugar aos católicos...” É o que diz Rops e acrescenta que o Concílio, depois de muitas discussões, punha fim a todas as discussões dogmáticas suscitadas depois de Nicéia pela proliferação do erro...”

Em Pisa, em 1409, reuniram-se 24 cardeais para discutir o problema do cisma e da heresia. Esse concílio depôs dois Papas e elegeu outro, como os dois não quiseram deixar o poder, ficou a Igreja com três pontífices em vez de dois: um em Roma, outro em Pisa e um terceiro em Avignon, na França.

Em 1414, diante do Grande Cisma, em que a Igreja se repartia por três Papas, reuniu-se o Concílio de Constança, com o objetivo de “pôr termo ao escândalo da grande dilaceração”, decretar medidas que suprissem os abusos de simonia (comércio de coisas sagradas e de posições eclesiásticas) e do nicolaísmo (existência de mulheres comuns a muitos homens) e aniquilar as heresias. As heresias do momento eram as de Wyclif, que, embora morto, tivera suas idéias revitalizadas por João Huss. Esse foi o concílio que mandou queimar Huss.

Em Basiléia, em 1431, continuou o grande debate iniciado em Sena, sete anos antes. A época era conturbada, dentro e fora da Igreja. Na Boêmia fumegava a guerra dos hussitas; Filipe, o Bom, disputava com Frederico da Áustria; Joana d’Arc estava às vésperas da fogueira e a França anarquizada, política e socialmente. O próprio Rops declara que a reunião foi “... uma espécie de conciliábulo em que um quartirão de abades, uns cinquenta clé-

rigos e uma porção de universitários se fartaram de gritar em voz alta que estavam ali para representar a Igreja Universal”

O Papa Eugênio IV cassou a autoridade do Concílio e convocou outro para a Bolonha. Em resposta, os eclesiásticos reunidos disseram que não sairiam senão pela força. Em 1433, Eugênio recuou, reconhecendo a autoridade do Concílio e convocando os demais sacerdotes para comparecerem. “A Cristandade – diz Daniel Rops – tinha medo de ver renascer o cisma.”

Em 1545, sob a tremenda pressão da Reforma Protestante, a Igreja, novamente em crise, viu que precisava também reformar-se e reuniu o Concílio de Trento. Nova heresia, novas crises. “Dialecticamente – reconhece Rops – foi da Igreja que Wittenberg e da Confissão de Augsburgo (ou seja do Protestantismo) que saiu, em grande parte, a Igreja do Concílio de Trento.”

Assim também o Concílio Vaticano II foi determinado pela grande crise cujo espírito ficou tão bem sintetizado na sua própria documentação, num papel que se intitulou “A Igreja e o Mundo Moderno”. Esse foi o *leit motiv* do Concílio. Os teólogos mais esclarecidos estão perplexos diante do mundo moderno que as suas doutrinas não mais explicam; seus fiéis fazem perguntas a que eles não podem respon-

der de maneira satisfatória e apresentam objeções para as quais não são mais aceitas as velhas explicações do ministério ou da fé cega. Além do mais, as forças que se constituem à margem, ou em oposição à Igreja de Roma são hoje imensas e poderosas também. Não podem mais ser ignoradas. É o caso do Protestantismo, que, a despeito de algumas divergências mais ou menos ponderáveis, tem mais pontos de contacto do que oposição diante do Catolicismo. Têm em comum, praticamente, a mesma Bíblia, os mesmos Evangelhos, reconhecem o mesmo Mestre, e muitas das doutrinas mais queridas e enraizadas são as mesmas ou quase iguais de um lado e do outro. Por que, então, se maltratam quando se podem unir contra os terríveis inimigos de ambas, como o materialismo agnóstico ou o comunismo ateu? Quanto aos judeus, como insistir na política de ódio racista pelo fato de há quase dois mil anos alguns judeus assassinaram o Cristo? Não faz muito sentido.

Daí por que as reformas do Concílio do Vaticano II foram exatamente aquelas que eram de se esperar da tradição eclesiástica. Nem mais, nem menos. Sem nenhuma intenção trocadilhista, os documentos que o Concílio produziu são declarações conciliadoras. Acenam para protestantes, anglicanos, ortodoxos e judeus com uma nova mentalidade de espírito desarmado em relação a esses *irmãos separados*. Notem bem a palavra separados. Quem se separa, afasta-se de alguém, de algum lugar ou de alguma idéia. O que fica é, presumivelmente, o melhor. Aliás, não se faz segredo disso. Em todos os papéis se insiste em que a Igreja

admite a liberdade religiosa para todos, mas continua a declarar enfaticamente que a única verdade é a sua. Também isso é lógico, dentro do ponto de vista filosófico. Quem vai continuar a respeitar uma verdade em que não acredite com toda a força do seu espírito? O dia em que a Igreja declarar que “os outros” também podem estar certos, então terá assinado a sua sentença de morte.

Bem pensado, o argumento pode ser revertido: o Judaísmo poderia usá-lo com idêntica motivação, classificando-as igrejas cristãs de “irmãs separadas” e propor-lhes o retorno à lei de Moisés...

A Igreja admite a liberdade religiosa, mas continua a declarar enfaticamente que a única verdade é a sua

Dessa forma, o espírito desarmado é o primeiro passo cauteloso mas decidido, no sentido de se conseguir, pelo menos, lutar pela união de todos os credos sob a tutela da Igreja Católica Apostólica Romana, evidentemente. Os irmãos separados que venham até a Igreja e se reúnem sob a mesma bandeira, sob os mesmos dogmas, sob o mesmo Papa. Protestantes, judeus, ortodoxos e anglicanos que se acolham ao seio carinhoso da Santa Madre Igreja, que esse é o sonho bimilenar de todas as cabeças que têm sustentado a tiara papal. A idéia é belíssima, respeitável, compreensível e, até certo ponto, exequível pelo menos quanto aos protestantes, penso eu, e aos ortodoxos. Removidos alguns obstáculos – com o tempo, naturalmen-

te -, não seria de admirar-se que, no mínimo, algumas denominações protestantes aderissem ao esquema católico, senão como um movimento unificado totalmente, ao menos como forças paralelas e complementares que se estimam e apóiam. A Igreja também fará algumas concessões mais ou menos inócuas, mas de considerável alcance nesse sentido, para obter aquele prêmio. Já vimos que se hoje, no Catolicismo a comunhão em duas espécies, pão e vinho, em ocasiões especiais. Ora, a comunhão sob duas espécies foi o grande cavalo de batalha da Reforma protestante. O celibato sacerdotal católico também mos-

tra sinais de preagonia, ainda que venha a durar decênios...

De modo que o tema central do Concílio foi a posição diante do Progresso e, em conseqüência, a necessidade de uma atitude mais conciliatória com relação aos irmãos separados. (Não sei se nós, espíritas, também fomos considerados como irmãos separados...) Observa-se claramente isso das decisões tomadas. Aliás, o acompanhamento dos acalorados debates pelos jornais foi uma aventura emocionante para o leitor comum, mesmo quando sabemos que somente extravasou para a imprensa um mínimo possível. Muita coisa ficou no segredo das discussões intramuros, fechadíssimas, ou no murmúrio das ante-salas e dos corredores do Vaticano. ▶

Houve, porém, o suficiente para se sentir o verdadeiro corpo-a-corpo que se travou entre a ala conservadora minoritária, mas tremendamente ativa e bem representada, e a ala mais liberal, progressista e reformista. Tivesse prevalecido a opinião da minoria conservadora, não teria saído praticamente nenhum dos decretos que vimos. A dominar de modo mais declarado a corrente liberal, a reforma seria realmente de grande envergadura, muito mais profunda e revolucionária que imagina.

Vejam, para isso, os fragmentos de opiniões que transpiraram para nós leigos. Enquanto o Cardeal Spellman, de Nova Iorque, declarava que a liberdade religiosa “é a verdade sobre a qual se fundam todos os direitos humanos e sociais”, o Cardeal Benjamin de Arriba y Castro, de Tarragona, Espanha, levantava-se imediatamente para proclamar

que “somente a Igreja Católica tem o direito de pregar o Evangelho”.

Os debates em torno da liberdade religiosa foram sempre nesse tom áspero, embora diplomático e civilizado, e consumiram um tempo enorme. Monsenhor Luigi Carli, Bispo de Segni, na Itália, achou que a redação dada à declaração sobre a liberdade religiosa fora feita por sacerdotes interessados em “deformar e distorcer as Sagradas Escrituras, para pô-las de acordo com uma idéia moderna”.

Enquanto isso, Monsenhor Emílio Tagle Covarrubias, de Valparaíso, é mais enfático, dizendo que o documento, embora mereça apoio em certos aspectos, “demonstra uma benevolência indevida para com as falsas religiões”.

Mas que são falsas religiões? E por que são falsas? E a finalidade não era mesmo a de estender a mão a todos?

De certa forma, o Concílio foi também um monumental e ressonante muro de lamentações, diante do qual sacerdotes do mundo inteiro fizeram ouvir verdadeiras confissões públicas das mais veementes. Um desinibido eclesiástico inglês, Monsenhor John Heenan, Cardeal Arcebispo de Westminster, afirmou que “seria uma falsidade tentar desmentir o bem conhecido fato das perseguições sofridas pelos protestantes em certos países por parte dos católicos”, e pediu uma nítida “declaração que erige em doutrina da Igreja o princípio da liberdade religiosa”.

Mais adiante acrescenta que onde o Catolicismo é minoritário, insiste em liberdade religiosa; onde é majoritário e apoiado pelo poder temporal, somente “falamos nos chamados direitos da verdade”. E depois: “na verdade, não passa de uma farsa a doutrina católica que prega uma lei, quando somos ricos e fortes, e outra muito diferente quando somos pobres e fracos.”

No entanto, essa tem sido a tônica na política mundial da Igreja. Nos países em que o Catolicismo dominava de cima para baixo, exercendo influência, às vezes tirânica, sobre príncipes, reis e governantes em geral, pregava-se o princípio “*cuius régio, eius religio*”, ou seja, o povo era obrigado a seguir a religião do seu rei. Quando, porém, os sacerdotes dominavam segmentos importantes das massas, mas não tinha acesso aos heréticos ou ateus no poder, ensinavam que o povo tem o direito de questionar a validade da religião de seus dirigentes.

A despeito de toda argumentação da ala reformista, os conservadores, liderados pelo poderoso e

Os debates em torno da liberdade religiosa foram sempre nesse tom áspero



dinâmico Cardeal Ottaviani – que quase foi Papa e ainda poderá sê-lo, proclamavam que a declaração sobre a liberdade religiosa era “absolutamente inaceitável”, enquanto que Monsenhor Custódio Alvim, Arcebispo de Lourenço Marques, na África, taxava essa papel de “verdadeiro insulto à Igreja Católica”.

E o debate prosseguiu; os conservadores punham em ação todo o seu calculado dispositivo obstrucionista. Um dia levantou-se o Cardeal Josef Beran, que acabara de ser libertado após 16 anos de prisão em poder dos comunistas, para dizer que a Igreja estava sendo vítima de vinganças atrás da Cortina de Ferro, “em conseqüência dos defeitos e pecados cometidos no passado”.

Nos velhos tempos, o nobre Cardeal estaria correndo um risco gravíssimo, somente em admitir que a Igreja erra e comete pecados. Mas ele insistiu em exortar a assembléia a compensar tais erros, promulgando, por unanimidade, o direito inerente a toda liberdade de crença. “Em meu país – disse ele – a Igreja está sofrendo agora pelos erros e pecados cometidos em tempos passados em seu nome e contra a liberdade religiosa”. Lembrou, então, a lamentável combinação de João Huss, o brilhante reformista e educador da Boêmia, mandado queimar vivo em praça pública pelos cardeais reunidos no Concílio de Constança.

Por fim, a declaração sobre a liberdade religiosa entrou em agonia. A ala conservadora, poderosa e renitente não cedia um milímetro, estando mesmo a ponto de conseguir, pela terceira vez em três anos,

adiar a votação da matéria. Foi quando um grupo de eclesiásticos liberais procurou imediatamente o Papa – já era Paulo VI – e convenceu Sua Santidade a comparecer pessoalmente à Sessão em que houver todo o peso de sua autoridade em suporte da declaração; caso contrário, ela voltaria a sepultar-se na papelada, até que se tornasse totalmente esquecida e abandonada. Pelo teor da notícia, mesmo no seu laconismo estudado e discreto, não é difícil imagi-

nar qual o argumento que convenceu o pontífice a uma intervenção pessoal. Diz o jornal: “O Papa interveio hoje (21-9-1965) no Concílio Ecumênico e *evitou uma crise* ao ordenar uma votação do discutido texto sobre a liberdade religiosa”. (Os grifos são meus.)

Que se deduz disso? Que, se o Papa não se decidisse a *ordenar* a votação, a ala reformista criaria um verdadeiro “impasse”, do qual o prestígio da Igreja sairia profundamente danificado, talvez irreparavelmente, pois num Concílio convocado para fortalecer a Igreja não se poderia admitir que se mostrassem as rachaduras de seus milenares alicerces.

Só assim se votou a matéria e o “resultado da votação – dizem os jornais da época (22-9-1965) – foi um duro golpe para a minoria conservadora do concílio que esperava obter uns 500 votos”. Talvez, por

respeito à autoridade papal, os quinhentos votos se reduziram para 224, contra 1997 da ala liberal!

A atuação do Papa, no caso, foi decisiva, pois a Comissão Coordenadora do Concílio já resolvera, mais uma vez, em três anos, adiar a votação da matéria pelo Plenário. Nessa comissão, de 28 membros, 19 votaram pelo adiamento. Por aí se vê o poder triturador dos mecanismos políticos internos das grandes organizações, especialmente na Igre-

Deus atua através de Leis que a inteligência humana irá gradativamente descobrindo

ja Católica, que possui disso uma experiência e uma tradição quase bimilenar.

Mas os debates prosseguiram sobre outros pontos menos essenciais, como também as confissões públicas das crenças e opiniões dos sacerdotes mais francos e leais. Monsenhor André Charue, bispo belga de Namur, declarou que considerava indispensável uma declaração da Igreja sobre a “era espacial, até mesmo sobre a possibilidade da existência de criaturas inteligentes noutros planetas”; e acrescentou: “Na era espacial, a tradicional convicção acerca do paraíso, situado no céu, já não pode ser aceita pelo homem moderno.”

Segundo a notícia, Monsenhor Charue acha mesmo superados os conceitos de céu e inferno. Mas com isso vai-se a doutrina da salvação e da redenção! Às vezes, a gente tem a impressão de que alguns desses emi

nentes sacerdotes agiram como verdadeiros *enfantis terribles*, dizendo inconveniências diante de visitas, tal a franqueza e a candura de certas declarações de tremendas conseqüências.

Por outro lado, a ala conservadora, aferrada aos seus preconceitos, não perdia tempo e nesse mesmo dia D. Giuseppe Marafini, da Itália, insistia em que a Igreja devia lembrar aos homens “que o demônio está presente na vida moderna”.

Demônio, nesta altura do conhecimento humano?

Foi assim, em linhas muito gerais, o Concílio Ecumênico Vaticano II, iniciado sob a inspiração e a coragem moral de João XXIII. A figura desse Papa fascinou todo o mundo, cristão e não-cristão, pelo que tinha de conteúdo humano. Eleito quase que como um Papa interino, numa espécie de mandato-tampão, como se usa dizer hoje, João surpreendeu a todos com seu dinamismo. Das suas mãos – houvesse ele tido mais tempo – talvez a Igreja saísse mais renovada. Suas forças, porém, como as de

um comentarista do “Time”, João XXIII abriu as janelas do vaticano e por elas entrou um sopro renovador. Ninguém mais poderá fechá-las, porque há em tudo isso um processo irreversível, embora lento.

Não obstante, não é preciso ser profeta para prever que grandes dificuldades ainda estão pela frente, na história futura da Igreja, e serão trazidas em quantidade e força cada vez maiores, pela avalanche arrasadora do progresso e da evolução do conhecimento. O progresso é a grande esfinge, cujo segredo a Igreja terá de decifrar para sobreviver.

Por tudo isso e para não ficar, mais cedo ou mais tarde, diante desses dilemas, é que o Espiritismo se planejou e se instituiu de maneira inteiramente diversa de todas as religiões e doutrinas anteriores. O Espiritismo não teve o seu profeta, o seu messias, e erram aqueles que assim querem fazer entender. Nenhum nome está ligado a ele, no sentido em que está Maomet à religião do Islã, Buda ao Budismo, Moisés ao sistema religioso dos judeus, ou o Cristo ao Cristianismo.

O progresso é a grande esfinge, cujo segredo a Igreja terá de decifrar para sobreviver

todo Papa, são limitadas pelas contingências da própria estrutura da Igreja. Tem que prevalecer, em última análise a política da Igreja, coerente consigo mesma e não as idéias pessoais de cada bispo, cardeal ou Papa.

De qualquer forma, como disse

Por mais destacada que fosse a atuação de Allan Kardec, ele próprio não avocou a si a tiara espiritual do movimento; ao contrário, procurou apagar-se como pessoa humana, para que a obra sobrelevasse a sua condição de codificador. Os próprios Espíritos, com a singela franqueza que





sempre lhes caracteriza os elevados pronunciamentos, o advertiram de que, se ele não pudesse ou não quisesse assumir o encargo, outros seriam convocados. Por outro lado, o movimento revestiu-se, logo de início, de um caráter universal, pregado simultaneamente em todo o mundo, por muitos Espíritos, através de inúmeros médiuns, em todos os ambientes sociais, a todos os povos, em todas as línguas, mas coerente com as idéias básicas sempre que os pronunciamentos foram ditados por Espíritos equilibrados e de elevada moral e conhecimentos.

Sempre ficou bem claro que o espiritismo não teria dogmas, nem igrejas, nem sacerdotes, nem ritos nem dirigente universal, entre os encarnados, nem qualquer coisa que fizesse lembrar a estrutura das religiões do passado. Não precisamos de Concílios, nem estamos preocupados com o avanço da Ciência. Ao contrário, aguardamos com verdadeira ansiedade esse avanço. O progresso vai confirmar todo o imenso acervo de conhecimento contido na Doutrina Espírita. Virão, a seu tempo, a comprovação científica da pluralidade dos mundos habitados, a da sobrevivência do espírito, a da reencarnação e a da comunicabilidade entre Espíritos e homens. Vão descobrir que o inconsciente do eminente Prof. Sigmund Freud é o repositório das lembranças de todas as passadas existências, até o ponto em que a memória se perde nas trevas da irracionalidade. Descobrirão também que as doenças orgânicas, quase todas, se curam através do espírito e que não se pode inverter o processo e tentar curar mazelas do Es-

pírito através de intervenções no corpo físico.

Nos domínios da moral, será comprovada a estrita responsabilidade pessoal de cada um pelos seus atos, mas também a oportunidade de recuperação e reparo. Que tolerância é a palavra de ordem universal, porque nem todos os Espíritos têm o mesmo nível de compreensão e apreensão. Que a caridade é a lei suprema, porque beneficia tanto o que a pratica quanto aquele que a recebe.

Descobrirão, enfim, que todas as grandes idéias humanas, aquilo a que já se chamou “os grandes sonhos da Humanidade”, estão contidas, em maravilhosas sínteses do pensamento, dentro dos conceitos fundamentais da Doutrina Espírita. É só estudá-los, pesquisá-los e desenvolvê-los, que o próprio mecanismo da evolução se encarregará de ir mostrando o caminho a seguir.

E ao contemplarmos toda essa extraordinária massa de trabalho e de estudo a ser atacada, sentimo-nos tomados por invencível melancolia quando vemos, de outra banda, os homens empenhados acirradamente em questiúnculas, como a do casamento misto, ou em declarações acerca da liberdade religiosa que estão saindo penosamente, sofridamente, vencendo oposições tenazes e com um atraso de pelo menos dois mil anos! Tanta estrela no céu e o homem procurando grãos de pó na sola dos sapatos... ■

Fonte:

MIRANDA, Hermínio C. *Candeias na Noite Escura*. Pág. 101 – 115. Feb

Mãe Reencontra Filhos de existência Passada

Filme lançado em DVD retrata caso verídico

por Orson Peter Carrara - Catanduva/SP

 A música é linda e a história real. O tema é a reencarnação e o filme, ora lançado em DVD pela Versátil Home Vídeo, está baseado em fatos reais relatados em livro autobiográfico.

Minha Vida na Outra Vida conta a história de Jenny, uma mulher do interior dos Estados Unidos, que tem visões, sonhos e lembranças de sua última encarnação, como Mary, uma mulher irlandesa que faleceu na década de 30. Intrigada, Jenny sai em busca de seus filhos da vida passada. Tem início uma jornada emocionante. Jenny é magistralmente interpretada pela renomada atriz Jane Seymour, de *Em Algum Lugar do Passado*. Só que, desta vez, não se trata de ficção, mas de realidade.

Com direção de Marcus Cole, 93 minutos de duração, nos idiomas inglês e português, legendado e dublado, e produzido nos Estados Unidos no ano de 2000, o filme emociona pelas profundas reflexões que provoca a quem o assiste. É impossível não se emocionar.

Abordando conflitos familiares, vida e morte, mas especialmente lembranças de outras vidas e reencarnação, a produção soube bem reproduzir a realidade vivida por Jenny Cockell. Ela via-se em outra época e lugar, como jovem mãe, em recordações domésticas de sua pequena casa

de campo. Mãe de vários filhos, morreu de complicações de parto, 21 anos antes do nascimento dela própria, atualmente na personalidade de Jenny.

As visões e sonhos levaram-na a pesquisar o próprio passado e a reencontrar os filhos da existência anterior, agora idosos. Num reencontro que traz grandes emoções, reconhecem-se em circunstâncias que não deixam dúvidas, face a detalhes impressionantes que ficaram gravados no tempo e no espaço, ora trazidos às lembranças vivas do presente. As preocupações com os filhos pequenos, na existência anterior, fizeram-na buscá-los atualmente.

Uma autêntica lição de amor envolve os personagens, trazendo toda a lógica da reencarnação de maneira muito clara, simples, objetiva. E faz pensar. Especialmente para aqueles que duvidam da realidade das existências sucessivas. E para quem aceita, o filme é um brado de imortalidade.

O DVD apresenta extras com depoimentos de lideranças do movimento espírita. Entre eles, Marlene Nobre, Nestor Masotti e Zalmir Zimmermann. Também apresenta algumas perguntas e respostas da conhecida escritora Therezinha Oliveira e uma galeria de fotos de Jenny com os filhos da existência passada e da cidade onde os reencontrou, na Irlanda.

A Versátil tem oferecido excelentes trabalhos na área de filmes em DVD, resgatando preciosidades para divulgação do pensamento espírita.

O assunto foi tema de matéria de capa da Revista Internacional de Espiritismo, de fevereiro de 2001, através de contato com a amiga Yeda Hungria, de Niterói-RJ, que gentilmente nos enviou, à época, textos e fotos da reportagem publicada.

Trata-se, realmente, de uma ocorrência notável de recordações de outras existências. Embora já conhecesse a história, pelo texto da querida Yeda, o filme levou-me às lágrimas. As emoções são muito fortes.

O trabalho na Candeia propiciou-me ver o DVD imediatamente ao seu lançamento, por gentileza do produtor, Oceano Vieira de Melo, a quem, de público, desejo cumprimentar pelo excelente trabalho de divulgação da Doutrina Espírita. A Versátil (www.dvdversatil.com.br), dirigida pelo Oceano, possui outros extraordinários trabalhos nessa área de DVDs, inclusive excelentes documentários e palestras de expressivos eventos do movimento espírita.

Temos o dever de falar do que é bom. Meus parabéns à Versátil. Minha recomendação aos amigos leitores, exatamente pela qualidade da produção. ■

Centro Espírita e Administração

por Wellington Santiago

Será que devemos nos preocupar com o aspecto administrativo da Casa Espírita?

Administração, segundo o dicionário Aurélio, tem por uma de suas definições a seguinte: conjunto de princípios, normas e funções que tem por fim **ordenar** a estrutura e funcionamento de uma organização (empresa, órgão público, etc.).

Destacamos o verbo ordenar para refletirmos sobre o que pode funcionar sem ordem, sem organização.

tendo bons resultados, necessita de uma boa administração.

Diante dessa reflexão, respondemos a questão do início do artigo: sim, devemos nos preocupar com a administração do Centro Espírita, pois, nós espíritas, queremos trabalhar por um mundo melhor com eficiência, esclarecendo, consolando, ajudando da melhor maneira possível, isto é, com qualidade e, também, atingindo o maior público possível com trabalho e divulga-

Tudo em nosso mundo, para o seu melhor funcionamento, necessita de uma boa administração



Instituições, núcleos ou até mesmo vidas se não possuem o quesito ordem, como irão produzir e alcançar seus objetivos? Imaginem uma empresa onde os produtos não são organizados e os trabalhadores não possuem funções definidas. O trabalho se torna difícil, complicado, lento. Talvez, até produzam, mas será que estão trabalhando com toda a sua potencialidade? Tudo em nosso mundo, para o seu melhor funcionamento, ou seja, para produzir satisfatoriamente, com eficiência, ob-

ção adequada. Porém, deixamos claro que qualidade vem antes de quantidade. De que adiantaria um Centro freqüentado por cem pessoas se este não oferece condições para que estas almas sejam estimuladas a realizar sua reforma moral e trabalhar na construção de um mundo cristão? Se dez pessoas freqüentam a Casa Espírita, mas estão trabalhando no bem, se educando espiritualmente, semeando amor, não há dúvida; o Centro estará produzindo bem mais e com qualidade. ▶

ESTUDO



Dedicar ao Centro Espírita o mesmo carinho que dedicamos ao nosso lar

Por isso, é necessária uma administração adequada no Centro, para funcionar de maneira a atender seus objetivos. Essa administração envolve desde os recursos materiais e patrimoniais, até a administração no campo das relações humanas, sem deixar de observar suas finalidades dentro da atividade espírita.

A diretoria da Casa necessita providenciar a legalização de todos os aspectos (as obrigações com o Fisco, Órgãos Públicos do Estado, Município e União, as questões trabalhistas, etc.) para cumprí-los de acordo com a Lei humana, nunca esquecendo a ética cristã do Espiritismo. Caso não haja interesse por essas questões, a Casa não funcionará de maneira segura, pois está ameaçada de a qualquer momento sofrer abalos e prejuízos nestas áreas, o que pode prejudicar sua atividade prioritária de viver e divulgar a Doutrina Espírita. A instituição que funciona em propriedade irregular,

está ameaçada de encerrar suas atividades por questões burocráticas ou administrativas.

No campo doutrinário, também deve ser utilizada a administração consciente, devido à programação de eventos, organização de horários, atividades e delegação de funções. Deve ser considerada a mesma preocupação na área assistencial, tendo critério na utilização de bens e recursos à disposição, para não haver

desperdício e para o trabalho ser eficiente.

Devemos compreender que a Casa Espírita, como instituição, não deve funcionar sem organização e controle. Ela também requer cuidados administrativos como aqueles que utilizamos na condução de nossas atividades rotineiras em casa ou no trabalho. Dedicar ao Centro Espírita o mesmo carinho que dedicamos ao nosso lar. Isto envolve planejamento, organização, visão de futuro, direcionamento de recursos com acompanhamento e controle. São princípios humanos sim, mas necessários a uma instituição que deseja ser organizada.

Nas relações humanas, a administração também deve ser utilizada com democracia, companheirismo. Daí a necessidade de preparação e integração dos trabalhadores do Centro, sempre motivando e reconhecendo seus trabalhos. A importância da união deve ser considera-

da, assim como o trabalho em equipe, cujo teor administrativo envolve o respeito, a decisão conjunta em favor do grupo, sem autoritarismo ou imposição.

O quadro de sócios que compõem a Assembléia Geral, não foge da necessidade de organização, pois elegem a diretoria que tem Mandato. A renovação ou a manutenção dos diretores, obedecendo a vontade da Assembléia Geral, determina o andamento e o futuro da entidade. Todos estes aspectos devem ser lembrados.

De fato, a administração requer experiência, análise, tempo e, principalmente, boa vontade. Se possuímos boa vontade, desejo sincero de fazer o melhor, certamente vamos obter ótimos resultados que irão melhorar com a experiência. O importante é criar condições objetivando o fortalecimento da instituição e exercendo suas atividades com qualidade, porque, o que buscamos é a vivência e a divulgação da Doutrina Espírita. Estando a instituição organizada e bem conduzida, o trabalho se torna mais produtivo, mais fácil, obtendo melhores resultados e ainda, estimulando pessoas para também cooperarem no Movimento Espírita em prol de um mundo melhor, mais feliz, repleto de amor, ou seja, um mundo cristão. ■

BIBLIOGRAFIA:

CARRARA, Orson Peter: *Causa e Casa Espíritas*. Edições Carrara, 1ª Edição, 1999, Mineiros do Tietê – SP.

Locuções criam polêmica sobre a crase

por Eduardo Martins



O caso mais polêmico da crase diz respeito à sua presença nas **locuções**. A razão: a substituição da palavra antes da qual se coloca o **à** por outra, masculina, nem sempre resulta no **ao**. Com uma série delas, as adverbiais, prepositivas e conjuntivas, quase não há problemas, que vão aparecer, porém, num caso que veremos a seguir.



Assim, existe crase no **a** das locuções **adverbiais** (exprimem uma circunstância do verbo e por isso funcionam como advérbio): *Fez o trabalho **às pressas**. / Virou **à direita, à esquerda**. / Cumpriu a ordem **à risca**. / **Às vezes** ficava muito deprimido. / Queria estar sempre **à frente**. / Tinha medo de andar sozinho **à noite**. / Foi levado **à força**. / Passou o dia **à toa**.*

Veja agora algumas das locuções **prepositivas** (formadas por **a** mais palavra **feminina** mais **de**): *Venceu **à custa (à força) de** muito empenho. / Vestia-se **à maneira (à moda) da mãe**. / Estava **à procura de** emprego. / Ficou **à mercê dos** adversários. / Continuava **à espera dos** companheiros.*

Conjuntivas são locuções que ligam duas orações ou termos de uma oração (têm o valor de conjunção): *Sua tristeza aumentava **à medida ou à proporção que** os amigos partiam.*

Chegamos agora ao caso que mais divide os gramáticos. Segundo a corrente mais numerosa de defensores do **a** com acento nessa situação, a crase deve ser empregada nas locuções que designam **meio, instrumento**, e em outras “nas quais a tradição lingüística o exija”.

Veja alguns exemplos: *Só gostava de vender **à vista**. / Escrevia melhor **à mão, à máquina**. / Feriu o inimigo **à bala, à faca, à espada**. / Fechou a porta **à chave**. / Fez o trabalho **à força**. / Pôs a casa **à venda**.*

Os adversários da crase em exemplos como os citados apontam como justificativa o fato de, se a palavra for masculina, não existir **ao**, mas apenas a preposição **a**. Assim diz-se *pagamento a prazo* (e não “ao” prazo). Também: *Feriu o inimigo a tiro* (e não “ao” tiro).

Os defensores da crase (a maioria esmagadora dos gramáticos modernos) dizem que o sinal, neste caso, dá clareza à frase e corresponde a um acento diferencial, para evitar duplo sentido. Assim, segundo esta ótica, *pôr a venda*, sem crase, poderia dar a entender que a pessoa vai cobrir os olhos com uma faixa. O mesmo poderia ocorrer com *vender a vista*, que significaria negociar o olho de alguém.

Muitos gramáticos consideram facultativo o emprego da crase neste tipo de locução. Quer um conselho? Adote a crase pelo menos naquelas locuções em que essa prática se consagrou, como *à venda, à vista, à mão, à máquina, à chave, à força*. Já com *à bala, à faca, à espada, etc.*, veja se há possibilidade de confusão. Se houver, recorra à crase. Se não, pode deixar o **a** sem o acento (ou não).

Fonte:

MARTINS, Eduardo. *Com Todas as Letras*. Pág. 53. Editora Moderna. São Paulo/SP, 1999.

Porta Estreita

“Porfiai por entrar pela porta estreita, porque eu vos digo que muitos procurarão entrar, e não poderão.”
- Jesus. (Lucas, 13:24.)

Antes da reencarnação necessária ao progresso, a alma estima na “porta estreita” a sua oportunidade gloriosa nos círculos carnis.

Reconhece a necessidade do sofrimento purificador. Anseia pelo sacrifício que redime. Exalta o obstáculo que ensina. Compreende a dificuldade que enriquece a mente e não pede outra coisa que não seja a lição, nem espera senão a luz do entendimento que a elevará nos caminhos infinitos da vida.

Obtém o vaso frágil de carne, em que se mergulha para o serviço de retificação e aperfeiçoamento.

Reconquistando, porém, a oportunidade da existência terrestre, volta a procurar as “portas largas” por onde transitam as multidões.

Fugindo à dificuldade, empenha-se pelo menor esforço.

Temendo o sacrifício, exige a vantagem pessoal.

Longe se servir aos semelhantes, reclama os serviços dos outros para si.

E, no sono doentio do passado, atravessa os campos de evolução, sem algo realizar de útil, menosprezando os compromissos assumidos.

Em geral, quase todos os homens somente acordam quando a enfermidade lhes requisita o corpo às transformações da morte.

“Ah! se fosse possível voltar!...” – pensam todos.

Com que aflição acariciam o desejo de tornar a viver no mundo, a fim de aprenderem a humildade, a paciência e a fé!... com que transporte de júbilo se devotariam então à felicidade dos outros!...

Mas... é tarde. Rogaram a “porta estreita” e receberam-na, entretanto, recuaram no instante do serviço justo. E porque se acomodaram muito bem nas “portas largas”, voltam a integrar as fileiras ansiosas daqueles que procuram entrar, de novo, e não conseguem.



Chico Xavier - Emmanuel
Vinha de Luz